Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 20.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 733 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

MAIS DE 200 MEDIDAS APRESENTADAS, MAS SÓ 12 ACABARAM EM LEI. GOVERNO TEM VIDA DIFÍCIL NO PARLAMENTO

DESAFIOS Luís Montenegro e os seus ministros tomaram posse a 2 de abril. Mas, não tendo maioria parlamentar, as aprovações têm sido dificultadas na Assembleia da República. Ao todo, o Governo já anunciou um aumento de mais de 3 mil milhões de despesa.

PÁGS. 4-5

TIAGO FERNANDES

AUTOR DO LIVRO *PORTUGAL, 1974-1975, REVOLUÇÃO, CONTRARREVOLUÇÃO E DEMOCRACIA*

"É MUITO RARO UMA REVOLUÇÃO LEVAR DIRETAMENTE A UM REGIME DEMOCRÁTICO"

PÁGS. 6-7





CONVENÇÃO DEMOCRATA
PROTESTOS PRÓ-PALESTINIANOS NA VÉSPERA DO DISCURSO DO MARIDO JUDEU DE KAMALA

PÁG. 20

EPA / WILL OLIVER

Droga
Overdoses causam trauma em equipas: "Isto deixa marcas em todos nós"
PÁGS. 10-11

Estudo
Portugal tem 144 empresas com potencial para ascenderem a grandes companhias
PÁG. 17

Futebol
João Félix corta amarras do Atlético e assina pelo Chelsea até 2030
PÁG. 24

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
CLÁUDIO SUNKEL
DIRETOR DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE I3S
"O MEU MAIOR PROBLEMA É SEMPRE COMPRAR SAPATOS QUE ME FICAM PEQUENOS"
PÁG. 16

Espanha
Uma exposição para celebrar a Madrid dos filmes de Almodóvar
PÁG. 26



Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

A ilusão do poder esclarecido, da esquerda à direita (parte III da série)

Onde está o novo Concorde, o moderno CD, o atual TGV? São apenas três exemplos de invenções europeias do século XX que o mundo reconhece sem precisar de mais explicações. Hoje, a Europa até dá cartas em áreas de investigação de ponta, desde a criação de vacinas mRNA à impressão de órgãos em 3D, passando pelo aperfeiçoamento das tecnologias de energia renovável e Inteligência Artificial, mas – à possível exceção do grafeno – não ocorre invenção comparável àqueles nestes 24 anos que já passaram do século XXI.

O panorama é de tal forma mau que, numa pesquisa na internet, até se encontra facilmente documentos de organismos da União Europeia tentando demonstrar, por A+B, como a inovação na Europa está "boa e de saúde"! E em 2021, um trabalho académico de Hugo Confraria, Vítor Hugo Ferreira e Manuel Mira Godinho, para o ISEG, intitulado *Emerging 21st Century Technologies: Is Europe still falling behind?* conclui, entre outras coisas, que "as empresas europeias não têm estado na vanguarda da concorrência tecnológica desde 2010, e não observámos quaisquer sinais de alterações dinâmicas". As razões para tal, dizem, são várias e "não existe uma bala de prata" para inverter esta situação.

Depois, sugerem caminhos, com alguns dos quais concordo, outros nem tanto, porque me parece que apenas reforçam o "pecado original": demasiada concentração de poder nos órgãos de regulação, nos burocratas e nos políticos que – sim, com as melhores intenções – distorcem o normal funcionamento da sociedade.

A História está cheia desses exemplos. Apenas houve verdadeiros "saltos quânticos" na inovação e no conhecimento quando as pessoas, os indivíduos, tiveram liberdade para investigar e trocar ideias. Foi assim na Atenas da Antiguidade, que lançou a Filosofia contemporânea e depois nos deu Sócrates, Platão, Aristóteles ou Eratóstenes; nos Países Baixos do Iluminismo, cuja riqueza permitida pela liberdade de comércio privado deu espaço para aparecerem pessoas como Christiaan Huygens, Van Leeuwenhoek ou Herman Boerhaave, que deram passos de gigante na Física, na Microbiologia ou na Medicina; ou, claro, na revolução de conhecimento iniciada no fim do século XIX na Alemanha e na Áustria, e depois prosseguida nos EUA – por causa da fuga de cérebros provocada pela ditadura nazi –, cuja figura principal foi Einstein, mas que passou também por Robert Oppenheimer, Erwin Schrödinger ou Max Planck. Isto não esquecendo, claro, Marie Curie (e o marido), em França. E poderia continuar...

Claro que não esqueço que as guerras são, elas próprias, motores de inovação, no sentido em que levam ao investimento de ciência aplicada e ao desenvolvimento rápido de tecnologia – muita com posterior aplicação civil – que de outra forma demoraria anos a desenvolver. No entanto, a ciência pura, o conhecimento, só florescem quando os investigadores podem trabalhar sem estarem presos a ideologias políticas e à livre troca de conhecimento.

Durante a Guerra Fria e a Revolução Cultural chinesa, por exemplo, múltiplos casos houve de atrasos científicos (documentados), tanto na URSS, como na China, precisamente porque os respetivos regimes comunistas não permitiram aos seus investigadores ter acesso imediato aos trabalhos dos seus colegas ocidentais por serem "de autores decadentes".

Mas o mesmo ocorria em muitas ditaduras ditas nacionalistas. O mais ridículo que me ocorre? O nosso Estado Novo proibiu o livro *Gerra e Paz*, de Leão Tolstói (que é passado durante as Invasões Francesas) porque se era russo, era "vermelho"...

Um exemplo de como os extremos se tocam. Sempre. Por mais que os seus defensores estrebuchem, não há verdadeiras diferenças entre a extrema-esquerda e a extrema-direita. Ambas acham que o poder central – Governo, Estado – deve controlar os meios de produção, a criação de riqueza e, por conseguinte, a vida das pessoas.

Enquanto a esquerda radical (comunismo e socialismos) considera que estes setores devem mesmo ser propriedade da Administração Pública (leia-se gerida por funcionários "com cartão" partidário), o caminho "pela direita" radical é entregá-los a empresários "amigos" do poder, criando mecanismos para que estes se mantenham sem concorrência. É a atual oligarquia russa que substituiu, num piscar de olhos, o regime comunista. Melhorias? Poucas. (Pelo menos, os moscovitas passaram a não ter faltas de pão nas lojas, ao contrário do que acontecia antigamente...)

Para agravar a situação, hoje em dia a esquerda "moderada" – a tradicional social-democracia – tem vindo a cair nas cantigas do antigo socialismo (o primo direito do comunismo) achando que, através da hiper-regulação de todos os setores económicos podem melhor manter o poder e aumentar a "equidade".

Só que toda a máquina burocrática para manter este sistema a funcionar é muito cara. E como as políticas de redistribuição são complexas e ineficientes, por natureza, levam a impostos altos – eles próprios desincentivadores do investimento.

O resultado está à vista, na União Europeia: falta de confiança de quem teria dinheiro para se meter em negócios de alto risco; empresas médias sem condições para passar a grandes, muitas vezes ainda mais presas pelas incapacidades das Administrações Públicas dos vários Estados-membros (cujos *modus operandi* variam demais e raramente cumprem prazos); um setor de investigação teórica (universidades) de ponta, mas cujas inovações têm muitas dificuldades em chegar ao mercado.

Com isto, o comboio da inovação europeia partiu à velocidade de um TGV para uma terra onde quem quer arriscar e ganhar, ou perder e começar de novo, tem a liberdade que entretanto aqui lhe tiraram. Mas olhe que o fizeram a pensar no seu bem!

OS NÚMEROS DO DIA

2906

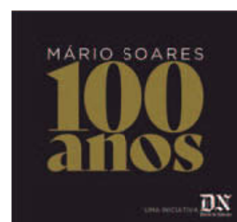
TRABALHADORES DISPENSADOS por despedimentos coletivos, um aumento de quase 44% no 2.º trimestre, num total de 125 processos, sobretudo nas pequenas empresas, número mais alto desde 2012.

41

BOMBEIROS russos ficaram feridos a combater um incêndio num depósito de combustível que foi provocado por um ataque de *drones* ucranianos na cidade de Proletarsk, no sudoeste da Rússia, anunciaram ontem as autoridades locais.

10 800

IMIGRANTES EXPULSOS da Alemanha no 1.º semestre, por estarem ilegais no país, anunciou ontem a ministra da Administração Interna, Nancy Faeser.





20.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

GOVERNO

Mais de 200 medidas apresentadas, mas só 12 acabaram em lei. Executivo tem vida difícil na AR

DESAFIOS Luís Montenegro e os seus ministros tomaram posse a 2 de abril. Mas, não tendo maioria parlamentar, as aprovações têm sido dificultadas na Assembleia da República. Ao todo, o Governo já anunciou um aumento de mais de 3 mil milhões de despesa.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Há quatro meses em funções, o Governo da Aliança Democrática já apresentou planos e "pacotes" de medidas para oito áreas, desde a Saúde à Administração Interna, passando pela Economia ou, ainda, pelas Migrações.

Com isto, em 141 dias desde que tomou posse (a 2 de abril), o Executivo liderado por Luís Montenegro já aprovou um aumento total de despesa de praticamente três mil milhões de euros. As contas explicam-se assim: para a Defesa vão 120 milhões até 2026, e para as forças de segurança o Governo destinou 150 milhões; a redução do IRC de 21% para 19% custa, nas estimativas do Executivo, 500 milhões de euros; o apoio para os pensionistas custará 300 milhões; as mexidas no IRS têm um custo estimado de 460 milhões. E é nesta área que está a maior fatia de despesas: as mudanças no IRS Jovem estão calculadas em mil milhões. O programa de apoio ao arrendamento teve um reforço e, com isso, um custo na ordem dos 10 milhões, e a isenção do imposto de selo e do Imposto Sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis (IMT) na compra da primeira habitação até aos 35 anos está calculada em 50 milhões. A isenção do Imposto de Selo, que incide sobre operações de tesouraria, deverá custar 10 milhões de euros.

O Governo destinou ainda 300 milhões de euros em medidas para o emprego anunciadas no passado dia 8 de agosto após o Conselho de Ministros, que procuram reter jovens qualificados e destinadas, também, à integração de imigrantes. Montante igual foi aprovado para os agricultores, que será ponderado depois da reprogramação dos fundos europeus.

> As mexidas no IRS Jovem têm a maior despesa associada: mil milhões de euros. Isto, sem contar com as isenções na compra da primeira habitação (que custa 50 milhões).

A estes valores somam-se ainda 300 milhões para a recuperação dos tempos de serviço da carreira dos professores. E junta-se também o "suplemento extaordinário" para as pensões. Anunciado no Pontal por Luís Montenegro, tem um custo estimado de 400 milhões (*ver caixa*). Por não se tratarem de medidas incluídas num destes "pacotes", foram contabilizadas à parte pelo DN. Nestas contas não entram, também, os valores das medidas do Plano de Emergência para a Saúde, que terão apenas ganhos do ponto de vista operacional.

Entrada em vigor indefinida

Numa fase particularmente crítica para a Saúde, depois de ter havido Serviços de Urgência de Obstetrícia e Ginecologia fechados tanto no último fim de semana, como neste, há apenas duas medidas (de entre 15 consideradas urgentes) que estão concluídas nesta área.



PEDRO REIS
Ministro da Economia



MARIA DO ROSÁRIO PALMA RAMALHO
Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social



MARGARIDA BLASCO
Ministra da Administração Interna

MARGARIDA BALSEIRO LOPES
Ministra da Juventude e Modernização

MIGUEL PINTO LUZ
Ministro das Infraestruturas e Habitação

3,2 MIL MILHÕES

O emprego foi a última área a ter medidas anunciadas, com vista à promoção e retenção de jovens qualificados. Mas, antes, nove outras áreas – Saúde, Juventude, Migrações, Agricultura, Habitação, Defesa, Administração Interna, Economia e Justiça – tiveram outros "pacotes" aprovados pelo Governo. Ao todo, a despesa estimada para estas medidas é de 3,2 mil milhões de euros.

ANA PAULA MARTINS
Ministra da Saúde

NUNO MELO
Ministro da Defesa

ANTÓNIO LEITÃO AMARO
Ministro da Presidência

Educação vale 300 milhões de euros

Por não constar de nenhum "pacote" de medidas, a devolução do tempo de serviço aos professores não foi incluída na análise. Mas, segundo o Governo, esta recuperação custará 300 milhões de euros. Há, no entanto, mais duas áreas (Justiça e Saúde) cujas medidas não têm, para já, uma despesa estimada. Isto porque, sabe o DN, em ambos os casos as medidas setoriais serão aplicadas de forma faseada e não têm um custo calculado (no caso da Saúde, por exemplo, pode haver ganhos operacionais e não propriamente financeiros). Já o "suplemento extraordinário" para as pensões, anunciado na Festa do Pontal, terá um custo de 400 milhões.

Quando criou o Plano de Emergência para o setor, o Governo estipulou que seriam 54 as medidas utilizadas para "salvar o Serviço Nacional de Saúde (SNS)". Por exemplo: o Executivo definiu que, até final do mês, todas as listas de espera de doentes oncológicos deviam acabar, todas as grávidas seriam encaminhadas de forma segura, as verdadeiras Urgências seriam priorizadas e "quem precisa" teria médico.

Todas estas medidas, consideradas "urgentes", teriam um horizonte de aplicabilidade de três meses. Mas um levantamento feito pela Lusa, com base no portal do SNS, indica que apenas duas estão concluídas. No entanto, só uma delas é conhecida: a criação de um canal de atendimento direto para as grávidas na linha SNS24. A outra, sabe-se apenas que está inserida num dos eixos do programa ("Resposta a Tempo e Horas", tem 10 medidas).

No entanto, este tem sido um registo do atual Governo que, minoritário, nem sempre tem respaldo parlamentar para tornar as suas propostas em lei. Por isso, há algumas que não deram, ainda, entrada na Assembleia da República.

Aliás, olhando para o *site* do Parlamento, é possível ver que há, atualmente, 12 propostas de lei do Executivo. Mas, ao todo, já foram apresentadas mais de 200 medidas. E quando se estende a análise às aprovações, o retrato é ainda mais claro destas dificuldades: na Assembleia, o Governo só conseguiu fazer aprovar quatro propostas de lei.

O próprio Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, promulgou um conjunto de diplomas do Parlamento que o Governo inicialmente desejava que não fossem viabilizados (por ter alternativas próprias), entre os quais se contavam dois decretos que mexem no IRS (aprovados por PS, BE, PCP, Livre, PAN e com abstenção do Chega) e que iam mais longe do que a proposta do Governo. Com isto, o Executivo viu-se obrigado a aplicar a redução do imposto que não defendia – sendo que, depois, cedeu e a medida terá aplicabilidade imediata.

Oposição critica inépcia do Governo

Esta dificuldade que o Executivo tem tido em aprovar as suas medidas já levou a os dois maiores partidos da oposição a reagir. E por diversas vezes foram deixados apelos e incentivos ao diálogo.

Aquando dos 60 dias do Governo (a 2 de junho), a líder parlamentar do PS, Alexandra Leitão, fez um pedido de esclarecimento a Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares. Passando em revista as várias exonerações do Governo, a deputada socialista criticava a falta de diálogo, relembrando que o "maior partido da oposição" tinha tido "cinco projetos de lei aprovados". Este "é um Governo incapaz de dialogar, que enche a boca com a palavra 'diálogo', mas que, na verdade, não conversa com ninguém".

No início da Legislatura, André Ventura já tinha deixado avisos. Numa entrevista à CNN Portugal, o líder do Chega alertou que, sem diálogo, o partido chumbaria o Orçamento do Estado para 2025. Certo é que o partido de Ventura já viabilizou uma proposta do PS (no IRS) e disse que se as medidas ajudarem o país a melhorar, o Chega estará "certamente" do lado socialista.

Tiago Fernandes
"É muito raro uma revolução levar diretamente a um regime democrático"

ANÁLISE O DN falou com o autor do livro *Portugal, 1974-1975, Revolução, Contrarrevolução e Democracia*, que confronta o 25 de Abril com outros períodos revolucionários, não só em Portugal. É também um olhar sobre o papel dos partidos que fizeram a democracia portuguesa.



ENTREVISTA **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Este livro resulta de uma análise comparada de revoluções, como a da Irlanda e da Rússia, no início do século XX, para chegar ao 25 de Abril de 1974. É raro que uma revolução origine num regime democrático?
Sim, a Irlanda é um caso de uma espécie de revolução, no sentido em que há um movimento anticolonial que depõe um regime colonial, o regime britânico. Nesse sentido, até é parecida com as revoluções anticoloniais dos impérios ultramarinos europeus pós-Segunda Guerra Mundial. E também é semelhante às revoluções da Europa de Leste, durante o colapso do regime comunista, na União Soviética, que são também lutas nacionalistas de libertação nacional. E o caso português tem isso. O MFA [Movimento das Forças Armadas] apresentava-se também como um movimento de libertação nacional do povo português, tal como os movimentos anticoloniais nas colónias portuguesas, na África Portuguesa. Mas a razão pela qual escrevi este ensaio, que não teve nada a ver com as comemorações e com a data [25 de Abril de 1974], é o facto de que é historicamente muito raro uma revolução levar diretamente a um regime democrático, sobretudo aquilo que se chama uma revolução social, ou seja, uma revolução que pressupõe não só uma mudança de regime pela força, mas também através da ação conjunta ou da ação simultânea e parcialmente autónoma, em articulação de movimentos sociais, através de revoltas várias, e ocupação do espaço público e económico e social, e simultaneamente através da ação de movimentos políticos marginais no regime anterior e que se tornam predominantes no novo contexto de mudança política. Essa ação, que pressupõe o colapso da ordem política, previamente existente, portanto, o colapso da estrutura administrativa e repressiva do Estado, geralmente não leva a regimes democráticos. E o caso português é singular desse ponto de vista. E daí, também, a lógica comparativa do meu livro. Tentar compreender a singularidade portuguesa no contexto de outros ciclos revolucionários que fracassaram, ou que foram bem-sucedidos, mas em que os tipos de regimes são diferentes.

Ao longo do livro não usa a expressão 'golpe de Estado'. O 25 de Abril é uma revolução?
De facto, o regime começa como um golpe de Estado, mas o processo político depois toma uma dinâmica que não é apenas a de um mero golpe de Estado.

Por todos os fatores se conjugarem?
Sim, porque acontecem outras coisas que muitas pessoas não esperavam. Primeiro, há uma explosão de movimentos sociais agindo autonomamente do sistema político e em desconexão com as elites políticas. As do antigo regime, obviamente. Mas com as elites também recém-formadas dos novos partidos democráticos, basicamente. PS, PSD e mesmo o PCP. O PCP, aliás, tenta, no início da transição de regime, controlar o movimento grevista, por exemplo, decretando a ilegalidade das greves. Mas uma das características das revoluções é a explosão e a movimentação social, popular, autónoma que ocupa o espaço político e económico. Por exemplo, de forma muito concreta, o movimento de moradores, a ocupação de casas e a autogestão dos bairros para serviços sociais. Para se organizarem autonomamente para creches, etc. A ocupação dos bairros e de casas devido à falta de habitação. Tudo isso foi feito de forma autónoma e em rotura com a legalidade, de alguma maneira. E, desse ponto de vista, era revolucionário. Se bem que também não há uma legalidade ainda. A legalidade acabou, pois o antigo regime acabou. E a nova legalidade ainda não foi feita. Os movimentos de ocupação das fábricas, de cogestão por parte dos trabalhadores, nas fábricas, nos locais de trabalho, na Administração Pública. Pela rutura, pela ocupação do espaço político e social, do espaço público. Em segundo lugar, há uma tentativa de parar esta dinâmica social. Nomeadamente por setores da direita, o general Spínola, etc., que geram depois a mobilização revolucionária à esquerda. Aqui já há mais, por parte de movimentos políticos, em particular o Partido Comunista, a esquerda radical, o MRPP, a UDP e outros, e também o MFA, que gradualmente se vão radicalizando e adquirindo uma espécie de agenda de transformação revolucionária da sociedade. Transformação para uma sociedade sem classes, de alguma maneira. Portanto, tudo isso é uma dinâmica revolucionária.

Se não tivesse acontecido o 11 de Março – a contrarrevolução de direita protagonizada por Spínola – o PCP teria reagido como reagiu?
Não, acho que não. Os ciclos revolucionários têm também os saudosistas do anterior regime, ou aqueles que querem parar o processo de mudança. Mesmo a mudança num sentido democrático liberal, que era o que estava previsto no Programa do MFA, eram eleições livres, dentro de um ano, etc. Os partidos estavam a legalizar-se e havia planos de simulação para manter uma parte do império colonial através de uma federação de estados. E também discordava do tipo de sistema político que se viesse a instituir. Ele [Spínola] queria, primeiro, Eleições Presidenciais, para se eleger como presidente. Ele queria, eventualmente, um regime presidencialista, onde, depois, eleições para um parlamento não estivessem previstas. Portanto, também havia uma indefinição quanto à natureza do regime. Podia ser um tipo de semidemocracia ou democracia muito tutelada e com uma forte personalização do poder. Ainda, talvez, algo como teria sido o regime grego a seguir à Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, o Spínola foi, várias vezes, pouco claro acerca da legalização do PCP e, eventualmente, até do PS, por exemplo. Eu não estou a dizer que ele quisesse retornar ao Estado Novo, longe disso. Ele era um crítico do Estado Novo, do ponto de vista da hierarquia militar. Agora, o que transforma a revolução numa revolução social e, potencialmente, também antidemocrática, ou seja, em que a extrema-esquerda pode conquistar o poder é o facto de haver tentativas de mudar a transformação do regime por golpes de direita. Nomeadamente, houve a crise de Palma Carlos, mas, sobretudo, houve o dia 28 de setembro de 1974 e o 11 de março. É isso que radicaliza a esquerda, no sentido de tentar conquistar o poder, eventualmente, pela força ou criar um regime em que a concentração de poder, seja de tal maneira forte, que seja impossível voltar à ordem política anterior. E isso acontece em todas as revoluções que, por exemplo, originaram regimes comunistas.

Por que motivo não aconteceu uma deriva não democrática à esquerda?
Eu penso que nunca seria uma coisa totalmente de regime de partido único como na União Soviética ou na Jugoslávia. Seria sempre uma ditadura esquerdizante, com uma componente civil e militar.


GERARDO SANTOS

Parecida, por exemplo, com algumas ditaduras modernizadoras do Terceiro Mundo, como o Peru ou o Egito, que tinham uma componente mais nacionalista. Isto não aconteceu porque, primeiro, o ambiente cultural a nível europeu e global permitia uma conciliação entre liberalismo e democracia liberal e socialismo. Algo que não está presente na primeira metade do século XX: quando aparece a Revolução Russa é uma grande novidade. Na segunda metade do século XX e, sobretudo, na década de 70, era possível, entre os radicais – estou a falar do PCP e da extrema-esquerda – e os moderados, sobretudo o Partido Socialista, mas também parte do centro-direita, o PSD, terem, por exemplo, um acordo naquilo que se pode chamar um forte setor público e nacionalizações. Este é o primeiro consenso. Há um consenso sobre a necessidade de que, para mudar a política, é preciso mudar também as estruturas sociais e económicas. Algo que os russos vêm fazer em 1917, mas que é rejeitado pelo *establishment* liberal dos partidos burgueses da altura. Passados mais de quase 50, 60 anos, tudo isso mudou. Aliás, há uma vaga de nacionalizações feita por partidos conservadores a seguir à 2.ª Guerra Mundial na Europa. Portanto, isso já faz parte do consenso. Isso permite uma aproximação entre as forças moderadas e radicais. Têm algo em comum. Um segundo aspeto, que também é importante, é que aquilo que se pode chamar o leninismo revolucionário na década de 70 está em crise, enquanto no início do século XX era uma novidade. Está em crise por várias razões, devido à experiência da própria União Soviética ou a revolução húngara, que foram reprimidas. Portanto, há uma grande desilusão e há também uma grande divisão na esquerda radical, com novos projetos. Alguns desses projetos não são democráticos, são maoistas, são castristas, inspirados na revolução. Mas isso, de certa maneira, divide o campo revolucionário entre si, o campo revolucionário radical, e permite que haja sempre uma parte desse campo revolucionário que se alie com os moderados. É o caso do Otelo, que se alia com o PS e com o *Grupo dos Nove* contra o PCP, por exemplo. Porque estes radicais também competem entre si. E uma parte desse campo radical é aquilo que se pode chamar os socialistas revolucionários. Ou seja, aquela geração de militares, tanto que alguns profissionais, representados sobretudo pelo Melo Antunes, mas alguns também os milicianos que andaram na universidade e são todos influenciados pelo ambiente cultural do Maio de 68 e da efervescência cultural dos Anos 60 em Itália, em que a visão dominante é aquilo que se chama um socialismo democrático, em que a sociedade deve manter uma característica de democracia liberal, de partidos, competitiva, mas ao mesmo tempo promover uma forte transformação das estruturas de dominação económica. Mas, na altura, toda a gente era socialista. Até o Partido Social Democrata queria ser da Internacional Socialista, e ali socialismo deve ser entendido num sentido lato. Ou seja, a criação, a ideia de que a democracia não é só política, mas também tem de ser social e económica. Um forte Estado de Previdência e também a ideia de que desigualdades não são toleráveis, de alguma maneira. Deve haver um controlo do Estado sobre a economia e o poder económico. Depois há também a ideia de que é legítimo ter partidos comunistas em Governos. Na primeira metade do século XX até à Segunda Guerra Mundial, não havia, não era legítimo. Era uma novidade revolucionária, era o exemplo da Revolução Russa. A seguir à Segunda Guerra Mundial já tinha havido essas experiências, nomeadamente nos Governos do pós-Segunda Guerra Mundial, provisórios, em Itália e em França. E tinha havido já várias coligações, e mesmo em Itália, e depois já mais tarde, nos Anos 80, eles participam num Governo, havia a ideia de que havia, de certa forma, uma unidade antifascista, de alguma forma. Essa unidade de antifascista que nasce com as frentes populares nos Anos 30, de certa maneira, é um legado também cultural e que se vê nos Governos provisórios, com o PS a querer mobilizar os comunistas para os Governos provisórios. E, portanto, isso não era possível com o Lenine e com a Revolução Jugoslava e na Albânia, com a Revolução Chinesa, etc. Também começa na primeira metade do século XX, etc. Mas no pós, a experiência do fascismo aproxima moderados de radicais naquilo que se chama de grandes frentes antifascistas, cuja mais famosa é a frente popular em França, em 1936. Depois, também os movimentos de resistência. Em França e, sobretudo, em Itália, contra a ocupação nazi, contra a França de Vichy, o regime de Vichy, etc. Esse modelo está também disponível para o caso português. E é por isso, também, que a história da oposição ao Estado Novo, embora com convergências e divergências, é uma história de, sobretudo quando começa a Guerra Colonial, de crescente aproximação entre PCP e PS. E, na véspera do golpe, PC e PS estão em negociações, mais uma vez, para o movimento comum, etc. Muito inspirado pelo caso francês, pela unidade liderada pelo Mitterrand, que influencia muito Mário Soares. E, portanto, não há aquelas barreiras que opõem o socialismo tradicional, ou os liberais, contra a extrema-esquerda. E isso aí, no caso português, é cimentado, sobretudo, com as CDE [Comissões Democráticas Eleitorais].

Qual é o maior perigo para a democracia?

Claramente, a extrema-direita, por duas ordens de razões. Porque uma boa parte dos seus princípios não é democrática. Aliás, eles próprios dizem que são democráticos, mas são iliberais. Ora, uma componente importante da democracia são as liberdades. Não há democracia sem liberdades. Ou então eles valorizam sobretudo a componente maioritária, demótica, eleição de um líder, etc. E essa componente é democrática. Mas, depois, tudo o que são liberdades cívicas e direitos cívicos são menosprezados a nível global. Especificamente, no caso português, eu acho que é um movimento que não é totalmente leal à democracia. Tem uma estratégia, como sempre teve, de extrema-direita, que é dupla. Por um lado, estão nas instituições e jogam o jogo democrático. Ao mesmo tempo, têm ações que subvertem a democracia, como, por exemplo, o permanente corroer das instituições ou o ataque à Presidência da República. Ou o mecanismo dos bodes expiatórios: os ciganos e os imigrantes. Portanto, a permanente ostracização e marginalização, exclusão, preconceito e racismo sobre grupos específicos. Eu penso que isso é um comportamento antidemocrático. A postura no Parlamento é antidemocrática, é de violação das regras. A maneira como utilizam a lei e os regulamentos é para violar, muitas vezes – com uma interpretação excessiva da lei e dos regulamentos, o próprio espírito da lei e das instituições democráticas. Há ambiguidade em relação à tentativa que já houve, por exemplo, com a polícia.

Refere-se ao Suplemento de Missão das forças de segurança?

Sim, foi uma tentativa de fazer com que houvesse ali um ataque ao Parlamento.

vitor.cordeiro@dn.pt



PORTUGAL, 1974-1975, REVOLUÇÃO, CONTRARREVOLUÇÃO E DEMOCRACIA
Tiago Fernandes
Fundação Francisco Manuel dos Santos
9,00 euros
144 páginas


PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS

Luís Montenegro é presidente do PSD desde 2022 e prepara-se agora para renovar o cargo, até 2026.

Montenegro apoiado por autarcas para liderar PSD

MANDATÁRIOS Com o Congresso marcado para 6 de setembro, o líder do PSD revelou os nomes de com quem conta para renovar o mandato.

A lista de 24 mandatários distritais escolhidos por Luís Montenegro para a sua recandidatura à presidência do PSD nas diretas de setembro conta com dez atuais autarcas e oito antigos e atuais deputados.

A lista divulgada ontem pela candidatura de Montenegro revela que o presidente dos sociais-democratas optou nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Guarda, Leiria, Portalegre e na região Oeste por nomes de autarcas da região. Destes, sete cumprem atualmente funções como presidentes de câmaras municipais como é o caso de João Manuel Esteves, presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Fernando Ruas, de Viseu, Carlos Condesso, autarca de Figueira de Castelo Rodrigo, integram a lista de presidentes de câmara entre os escolhidos da candidatura de Montenegro, que vai avançar sob o lema "Acreditar em Portugal".

A lista conta também com vereadores, como João Rodrigues, de Braga, e Bragança, com Miguel José Abrunhosa Martins, autarca brigantino.

Também os atuais e antigos eleitos à Assembleia da República assumem um papel de destaque nesta candidatura, com oito representantes nesta lista e com Almiro Moreira – recém-eleito pelo Círculo de Aveiro – como mandatário financeiro.

Do Distrito de Aveiro – de onde o atual líder do PSD e primeiro-ministro é natural – a escolha recaiu sobre o antigo autarca de Vagos e atual deputado Silvério Regalado.

Ainda no lote de atuais nomes da bancada social-democrata no Parlamento, a mandatária de Lisboa é Andreia Bernardo, enquanto por Coimbra a escolha recai no deputado Maurício Marques. Em Setúbal, Sónia dos Reis foi a escolhida, e em Beja, o deputado Gonçalo Valente é o mandatário. Para fora da Europa será o deputado Flávio Martins, eleito por esse círculo eleitoral nas últimas Legislativas.

> Almiro Moreira, deputado eleito pelo Círculo de Aveiro, é o mandatário financeiro. Rui Rocha, antigo autarca de Ansião, é o diretor de campanha.

Os ex-deputados José Mendes Bota e Carlos Gonçalves são as opções de Montenegro para Faro e a Europa, respetivamente.

Nos Açores e na Madeira, serão os secretários-gerais das estruturas partidárias das regiões – Luís Pereira e José Prada – a assumirem o papel de mandatários. O mandatário da Juventude Social-Democrata (JSD) será João Pedro Luís, atual secretário-geral da *jota*.

A direção de campanha estará nas mãos do social-democrata Rui Rocha, antigo presidente da Câmara Municipal de Ansião, atualmente primeiro vogal da Comissão Política Nacional do PSD e presidente da mesa da assembleia distrital do PSD/Leiria.

As diretas para a liderança do partido estão agendadas para 6 de setembro, seguidas de Congresso entre 21 e 22 de setembro, em Braga. **DN/LUSA**



Opinião
Bernardo Ivo Cruz

As eleições americanas já não estão perdidas, mas ainda não estão ganhas

Quem acompanhe as eleições para a Presidência dos Estados Unidos poderá ter ouvido falar no *Projeto 2025*, uma agenda de 900 páginas para uma futura Presidência de Donald Trump, proposta por um conjunto de mais de 100 organizações conservadoras.

E embora Trump tenha negado conhecer o conteúdo do *Projeto 2025*, as pessoas envolvidas são, ou foram, seus conselheiros próximos, as ideias expressas correspondem em grande medida à plataforma do Partido Republicano atual e ao pensamento do ex-presidente.

Para implementar esta agenda, o *Projeto 2025* sugere diminuir drasticamente duas das características fundadoras do sistema político norte-americano: por um lado, limitar profundamente os mecanismos de controlo democrático dos poderes do presidente, obrigando toda a Administração Pública – incluindo as agências e departamentos que hoje são propositadamente independentes do poder executivo – a implementarem as políticas e instruções da Casa Branca; e, por outro lado, minar substancialmente a separação entre o Estado e a Igreja.

Se as políticas internas defendidas pelos apoiantes de Donald Trump e, em grande parte refletidas no programa eleitoral do Partido Republicano, chocam com a tradição democrática que tem norteado a organização dos Estados Unidos e de outras democracias avançadas, as posições sobre política externa que o próprio candidato tem assumido – e que afetariam de maneira muito mais direta os interesses internacionais do nosso país – são igualmente preocupantes.

Os constantes ataques às organizações internacionais de que fazemos parte, os elogios a líderes políticos que presidem a ditaduras violentas e o desprezo por todos os mecanismos de limitação do poder dos Estados Unidos no mundo, poderão transformar a Comunidade Internacional numa anarquia em que países como Portugal seriam, na melhor das hipóteses, apenas ignorados.

Até à desistência de Joe Biden das eleições, e em particular, após o debate desastroso onde vimos, ao vivo e a cores, um presidente dos Estados Unidos frágil, aflito e confuso, as sondagens eram quase unânimes em prever que Donald Trump regressaria à Casa Branca em janeiro.

Após a substituição de Biden por Kamala Harris na candidatura democrata, as expectativas mudaram e começam a aparecer sinais de que as candidaturas estão empatadas ou que há até uma pequena vantagem para Harris.

Quem tiver uma visão democrática, moderada, aberta ao mundo e reconheça que a escolha de quem irá presidir aos destinos dos Estados Unidos é matéria que interessa a Portugal e ao Mundo, estaria deprimido antes e poderá estar mais otimista agora. Mas nada está decidido e será sensato esperarmos o melhor mas estarmos preparados para o pior.

Professor convidado IEP/UCP

Overdoses causam trauma em equipas: “Isto deixa marcas em todos nós”

DROGA O contacto diário com situações limite, como *overdoses* – que muitas vezes conseguem reverter –, recaídas, ressacas e vulnerabilidade social leva a que os profissionais que prestam apoio no terreno tenham de lidar com o trauma provocado por esses casos. Por isso também recebem ajuda. Em 2023 foi apreendida, em Portugal, a maior quantidade de cocaína da última década e meia.

TEXTO **ISABEL LARANJO** FOTOS **REINALDO RODRIGUES**



“Há uma questão que nos preocupa muito, que é a saúde mental de quem cuida”, defende Solange Ascensão, criminóloga e coordenadora das equipas de rua da Crescer, que atuam em Lisboa. Também ela já se deparou com situações limite. “Num dos casos estava com uma colega enfermeira e fomos chamadas. Quando chegámos tínhamos uma pessoa em *overdose* de opiáceos. Estava azul, não-reativa, olhos revirados, prostrada no chão. Iniciámos o suporte básico de vida, administrámos naxolona e chamámos o INEM. Felizmente, salvou-se.”

Noutra ocasião, a dificuldade foi aumentada pela resistência do doente. “Esta situação ficou muito comigo, era uma sobredosagem de cocaína. A pessoa estava a suar muito, com discurso arrastado, confusão mental e não se aguentava nas pernas. Foi um trabalho muito grande para convencê-la a aderir ao INEM”, explica Solange Ascensão. “Conseguimos convencê-la, acionar o INEM, já no hospital ficou ligada à máquina ECMO por causa de uma trombose grave.” O caso acabou bem. “Entrou no programa *Housing First*, está com consumos muito reduzidos e deixou de injetar-se. Fizemos todo este percurso com a pessoa, foi muito forte e é muito marcante.”

Na Crescer há apoio para os profissionais. “Há pouco tempo veio uma pessoa estagiar, que está a fazer o curso de Medicina Tradicional Chinesa, e que faz um tratamento de massagens aos trabalhadores, para reduzir o *stress*. A par disso, temos uma pessoa que avalia como está a equipa do ponto de vista emocional. De resto, temos de ter estratégias para fazer a nossa própria gestão, porque também somos humanos”, resume Solange Ascensão.

Na Sala de Consumo Assistido de Lisboa, única no país e localizada na Quinta do Loureiro, já tiveram “cerca de 50 *overdoses*, apesar de ninguém ter morrido”, contabiliza o enfermeiro Paulo Caldeira, responsável pela área da Saúde naquele centro de atendimento a dependentes, a funcionar desde 2021.

Situações difíceis acontecem todos os dias e, segundo a equipa da Sala de Consumo Assistido, as *overdoses* mantêm uma tendência ascendente. Muitas acabam por ser revertidas e nem sempre acontece a morte do toxicodepente. Quanto aos óbitos, segundo dados do SICAD, antecessor do atual ICAD (Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências), estes têm vindo a subir desde 2017, ano em que houve 38 mortes, até 2019, com 63 óbitos. Em 2020, houve um ligeiro decréscimo, com 51 vítimas mortais de *overdose*, mas em 2021 assistiu-se a um pico de sobredosagens fatais, com 74 vítimas. Este foi o número mais elevado desde que há registos oficiais, em 2009, e baixou,



muito ligeiramente, em 2022, para os 69 óbitos.

Nas ruas, haverá mais substâncias psicoativas proibidas em circulação e, por exemplo, no ano passado, as apreensões de cocaína voltaram a bater o recorde: 21,7 toneladas, mais 31,4% do que em 2022. De acordo com o relatório sobre o *Combate ao Tráfico de Estupefacientes em Portugal*, a que o DN teve acesso, é a quantidade mais elevada apreendida pelas autoridades na última década e meia. Já este ano, no dia 26 de junho, a PJ destruiu, por incineração, cerca de sete toneladas de vários tipos de drogas ilícitas.

O número de consumidores, em todo o mundo, cresceu 20% na última década. Atualmente, estima-se que existam 292 milhões de consumidores, segundo dados do *Relatório Mundial sobre Drogas 2024* do UNODC.

No terreno, “as equipas trabalham não só nas drogas, mas com as principais e maiores vulnerabilidades. Estão sujeitas,



Na Sala de Consumo Assistido de Lisboa já foram revertidas cerca de 50 *overdoses*.



À esquerda, Américo Nave e Solange Ascensão, da Associação Crescer; em cima, Hugo Faria, Renata Reis e Paulo Caldeira, da Sala de Consumo Assistido.

diariamente, ao sofrimento humano", começa por explicar Hugo Faria, psicólogo e coordenador da Sala de Consumo Assistido. "Lidamos com este sofrimento humano e, ainda para mais, a nossa grande ferramenta é a relação com o outro. Estamos a empatizar com o sofrimento da vida de uma pessoa, de uma recaída, de uma ressaca, de uma morte. Isto deixa marcas em todos nós", analisa o psicólogo.

Paulo Caldeira conta vários casos de situações de vida ou morte, em que foram revertidas *overdoses*. "O caso mais grave que tivemos aqui foi numa situação em que estávamos numa reunião e aconteceu à nossa porta, ali num carro. Uma rapariga estava inanimada dentro do carro, alguém estacionou e deu o alerta", recorda o enfermeiro. "O desafiante foi que nós não sabíamos o que é que a pessoa tinha consumido. Tivemos de fazer um protocolo de ir respondendo ao que estávamos a ver. Administrámos naloxona [medicamento que serve para reverter *overdose* de opiáceos] e oxigénio, porque a pessoa não estava a respirar. Não reverteu. Ponderámos se teria tomado benzodiazepinas e administrámos flumazenil [reversor daquele tipo de psicotrópicos]: não reverteu e começou a convulsionar, que é um efeito secundário do flumazenil. Aí tivemos de dar benzodiazepinas para deixar de convulsionar. Entretanto, a pessoa começou a recuperar, saiu daqui a respirar acordada. Foi para o hospital e lá os médicos decidiram ventilá-la e esteve dois dias nos Cuidados Intensivos", continua Paulo Caldeira. "Por fim, soubemos que tinha realmente tomado opiáceo [heroína], mas tinha associada uma diabetes muito descompensada".

> *"Há um investimento brutal, em salvar uma vida de uma pessoa. Só isto é uma situação muito agressiva. A equipa mobiliza-se, há ali um momento de grande adrenalina."*
>
> **Hugo Faria**
> *Psicólogo e coordenador da Sala de Consumo Assistido de Lisboa*

> *"Saiu daqui acordado (...). Veio cá mais tarde agradecer, disse que tinha sido um grande susto e que não ia voltar a injetar-se. No dia seguinte (...) soubemos que tinha morrido. Ficámos de rastos."*
>
> **Paulo Caldeira**
> *Enfermeiro, responsável pela saúde na Sala de Consumo Assistido de Lisboa.*

> *"Quando chegámos tínhamos uma pessoa em* overdose *(...). Estava azul, não-reativa, olhos revirados, prostrada no chão. (...) Felizmente, salvou-se."*
>
> **Solange Ascensão**
> *Criminóloga, coordenadora das equipas de rua da Crescer.*

Outra situação marcante aconteceu com um utente que "esteve preso seis meses, sem consumir, e quando saiu veio cá e quis tomar a mesma quantidade de heroína. O organismo já não tinha a mesma tolerância e devia ter tomado uma quantidade menor. Tentámos negociar com ele, mas estava irredutível e quis fazer a mesma dose. Nós sabíamos que ia dar porcaria e já estávamos preparados", observa Paulo Caldeira.

"Nestes casos, a nossa avaliação é que é preferível fazerem esse consumo cá dentro. Deu uma *overdose* e estivemos 40 minutos para a conseguir reverter só que acabou muito mal", lembra-se o enfermeiro.

"Ele saiu daqui acordado, na maca, foi para o hospital e saiu. Veio cá mais tarde agradecer, disse que tinha sido um grande susto e que não ia voltar a injetar-se. No dia seguinte, quando chegámos aqui, soubemos que tinha morrido durante a noite, muito perto, ali no mato. Ficámos de rastos porque tínhamos conseguido salvar uma vida que, pouco depois, se perdeu, porque estávamos fechados. Acho que foi a situação mais desgastante que já vivemos", observa o enfermeiro Paulo Caldeira.

Hugo Faria acrescenta: "Há um investimento brutal, em salvar uma vida de uma pessoa. Só isto é uma situação muito agressiva. A equipa mobiliza-se, há ali um momento de grande adrenalina, e quando se consegue, a coisa abranda. Só que, neste caso, não houve tempo para digerir tudo porque a pessoa, afinal, morreu. Isso provoca imensas coisas: sentimentos de impotência, questões que se colocam se fizemos tudo o que devíamos ter feito, que a sala devia estar aberta 24 horas por dia. Foi um falhanço. Por isso, há muitos momentos que vivemos aqui, diariamente, que não se diluem no horário de trabalho. São situações dramáticas e não nos conseguimos desligar desses factos", observa o psicólogo e coordenador da Sala de Consumo Assistido.

Aqui também há apoios específicos para estes profissionais. "Temos uma equipa de supervisão clínica e um terapeuta externo, que nos visita de 15 em 15 dias, e faz uma reunião onde se fala sobre as questões que foram vividas no trabalho. Isto é uma forma de irmos encaixando o que vivemos diariamente".

isabel.laranjo@dn.pt


ESTELA SILVA / LUSA

Ana Paula Martins garante que este "é o momento" para fazer reformas no Serviço Nacional de Saúde.

Fechos e "concentrações" não são as únicas soluções

SAÚDE Ministra acredita que há outras medidas a tomar para fixar profissionais no SNS e admite reformas no Sistema de Saúde.

A ministra da Saúde disse, ontem, que as soluções para que não haja serviços fechados nos hospitais não passam apenas "por encerramentos ou concentrações", admitindo aplicar o que a comissão técnica criada pelo Governo sugerir. "Acreditem que essas medidas não passam exclusivamente – eu sei que é aquilo que geralmente tem mais atração em termos mediáticos –, mas não passam, de maneira nenhuma, por encerramentos ou concentrações apenas", afirmou aos jornalistas Ana Paula Martins no Hospital da Prelada, no Porto. "Há muitas outras medidas que temos de ter para garantir que as nossas equipas querem ficar no nosso Serviço Nacional de Saúde", referiu Ana Paula Martins sem especificar.

Questionada diretamente se admite o encerramento de algumas Urgências ou serviços para os concentrar em Lisboa, tal como já foi admitido pelo diretor executivo do Serviço Nacional de Saúde (SNS) no caso das maternoinfantis, a governante admitiu seguir as recomendações da comissão técnica criada pelo Governo. "Admito aquilo que a comissão técnica entender que deve ser feito para bem das mães e das crianças, sempre com dois aspetos muito importantes", no caso o apoio do primeiro-ministro, Luís Montenegro, e a colaboração dos profissionais de saúde.

Questionada sobre se também será necessário o diálogo com os autarcas no caso de a concentração de serviços em Lisboa significar o fecho de algumas unidades, especialmente em véspera de Eleições Autárquicas (em 2025), Ana Paula Martins confirmou. "Com os autarcas também, naturalmente, porque é um trabalho que tem de ser feito. Tem que haver muito boa comunicação. Temos de envolver os autarcas desde o primeiro momento. As medidas não serão aplicadas sem ouvir as comissões intermunicipais, que agora até fazem parte das Unidades Locais de Saúde", adiantou.

> Sobre se o *timing* para fazer as reformas necessárias no SNS é o ideal, a ministra disse que "é aquele a que chegámos, com um SNS que, neste momento, tem apenas 40% dos obstetras ao seu serviço".

Segundo a ministra, "sempre houve abertura dos autarcas" e "nunca houve falta de abertura, colaboração", dando o exemplo de reuniões que já teve e da recente transferência de competências vindas da Administração Central.

Já sobre se o *timing* para fazer as reformas necessárias no SNS é o ideal, a ministra disse que "é aquele a que chegámos, com um SNS que, neste momento, tem apenas 40% dos obstetras ao seu serviço". "É um momento, não há outro momento, é este o momento para, com serenidade, bom senso, prudência, boa comunicação e o envolvimento de todos, inclusive das populações, encontrarmos as melhores soluções", vincou.

Ana Paula Martins assinalou a importância de se tomarem "medidas que sejam efetivamente bem recebidas", garantindo o diálogo com as ordens profissionais e os sindicatos. **DN/LUSA**

Vai arrancar campanha *Taxa Zero ao Volante*

SEGURANÇA Decorre entre hoje e dia 26 e junta ações de fiscalização à sensibilização dos condutores.

A Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR), a GNR e a PSP lançam hoje, 20, a campanha de segurança rodoviária *Taxa Zero ao Volante*, inserida no Plano Nacional de Fiscalização 2024.

A campanha irá, não só, fiscalizar os condutores, como também alertá-los para os riscos da condução sob o efeito do álcool.

As ações de fiscalização/sensibilização foram divulgadas ontem pela ANSR e terão lugar nos seguintes dias e locais: dia 20, pelas 21.00 horas, na Avenida Cidade de Salamanca, em Viseu; dia 21, pelas 21.30, nas antigas portagens de Ermesinde, na A4, zona do Porto; a 22 de agosto a ação terá lugar no Largo de São Mamede, em Lisboa, e contará com a presença da ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, e do secretário de Estado da Proteção Civil, Paulo Simões Ribeiro; no dia 23 haverá fiscalização e sensibilização dos automobilistas na Estrada Nacional 118, ao quilómetro 54,50, na localidade de Marinhais, em Salvaterra de Magos; e, por fim, no dia 26 de agosto, as autoridades estarão presentes no IC20, sentido Costa da Caparica/Almada, a partir das 20.00 horas, junto à Rotunda da Avenida Henrique Barbeitos, em Almada.

A ANSR recorda que em 2022, dois em cada cinco condutores mortos em acidentes de viação apresentavam álcool no sangue e, ainda, que conduzir sob efeito do álcool "causa alterações na capacidade de reagir aos imprevistos e descoordenação motora".

Bolseiros deslocados vão receber mais para viagens

APOIO Os estudantes que recebem complemento de alojamento terão 40 euros mensais para deslocações.

O apoio às deslocações atribuído aos estudantes bolseiros do Ensino Superior que recebem complemento de alojamento vai aumentar de 25 para 40 euros mensais, uma alteração com efeitos retroativos ao início de 2024.

A alteração ao regulamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes do Ensino Superior já estava prevista no Orçamento do Estado para 2024 e foi publicada ontem em *Diário da República*.

De acordo com o diploma, "os estudantes bolseiros deslocados que sejam beneficiários de complemento de alojamento (...) têm direito à atribuição de um apoio à deslocação, nos meses em que beneficiem daquele complemento, no valor de 40 euros, num máximo anual de 400 euros".

As alterações têm efeito a partir do dia 1 de janeiro de 2024 e aplicam-se "a todos os requerimentos já apresentados à data da sua entrada em vigor", acrescenta o despacho do ministro da Educação. O complemento de alojamento é pago aos estudantes bolseiros deslocados que não obtenham vaga nas residências públicas e varia entre 264,24 euros e 456,41 euros, em função da cidade.

A partir do próximo ano letivo, os estudantes deslocados sem bolsa, cujo rendimento *per capita* da família varie entre 836 e 1 018 euros mensais, vão também receber um apoio ao alojamento correspondente a 50% do valor do complemento atribuído a bolseiros.

BREVES

Canil suspeito de maus-tratos recebe animais

O canil da freguesia de Canedo, em Santa Maria da Feira, que nos últimos anos tem sido objeto de protestos e inspeções por suspeitas de maus-tratos, continua a acolher animais errantes sem condições, alerta a equipa de resgate ComRaça. Ana Pinto Costa é a representante dessa organização e diz: "Com acusação por parte do Ministério Público por maus-tratos e morte de animais de companhia, e com julgamento marcado para dezembro, [o canil] está novamente cheio de animais e nas condições que já são do conhecimento geral". O espaço é gerido pela DZG Canedo, em concreto Berta Brazão e Dick Leegwater, que deixaram de atualizar o Facebook e agora divulgam a sua ação no *site* de língua holandesa Animal Rescue Canedo.

ASAE apreende seis toneladas de caracóis

A Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) apreendeu seis toneladas de caracóis vivos numa ação de fiscalização a um operador de fabrico de refeições no Concelho do Sabugal, Distrito da Guarda. Em comunicado enviado à Lusa, a ASAE referiu que a ação realizada através da Brigada Especializada das Indústrias de Produtos de Origem Animal da Unidade Regional do Centro foi direcionada a um operador económico com atividade de fabrico de refeições e pratos pré-cozinhados, no Concelho do Sabugal. A operação teve como objetivo verificar o cumprimento das normas legais aplicáveis a este tipo de atividade, no âmbito da segurança alimentar e combate a ilícitos contra a Saúde Pública.



Opinião
Fernanda Câncio

A tragédia das tabuletas de trânsito

É verdade: o mundo a arder e eu a escrever sobre sinais de trânsito. Ou, mais propriamente, sobre sinais de "indicação" – aqueles que, como informa o Decreto Regulamentar 22-A/98, que regula a sinalização do trânsito, se destinam a "dar indicações úteis aos utentes" (sendo os utentes quem, em veículo, animal ou a pé, se desloca nas vias públicas).

E porquê? Porque de cada vez que ando de automóvel por Portugal, em zonas que conheço assim-assim, menos bem ou nada, me coloco, exasperada, a mesma questão: quem raio tem a incumbência de sinalizar as informações/direções, e qual o critério com que o faz? O que explica por exemplo que na Estrada Nacional (EN) 125 um utente vindo de Tavira e procurando a direção de Lisboa via autoestrada tenha, durante quilómetros, de andar desorientado, encontrando apenas a indicação de autoestrada Faro/Espanha, até ao momento em que numa rotunda, e apenas depois de nela entrar, vislumbra uma tabuleta a indicar Lisboa/autoestrada?

Não seria, sei lá, óbvio evidenciar ao longo do percurso que aquela direção é também a da autoestrada que leva à capital do país?

O mesmo – mas ao contrário – para a Via do Infante: por duas vezes, em viagens noturnas e com dois condutores diferentes, perdi a saída para Lisboa e segui em frente, quase atravessando todo o Algarve, até achar que eram quilómetros a mais e descobrir numa bomba de gasolina que a saída ficara lá atrás. Comentário de quem me desenganou: "Está sempre a acontecer."

E está sempre a acontecer porquê? Porque os sinais apenas dizem "Lisboa xxx quilómetros", até que surge, quase em cima da saída correta, a tabuleta "Lisboa/Messines" com referência A2. Se não se souber que aquela saída existe, é facílimo ou mesmo virtualmente certo que não se dê por ela, seguindo a indicação "Lisboa" até perceber que se gastou, em estultícia, uma hora de caminho. Ou pode suceder outra coisa: pode-se perceber, de repente, que é aquela a saída certa e tentar apanhá-la.

Dou estes dois exemplos como podia dar milhentos – e porque sendo o Algarve um dos locais do país mais frequentados, e há várias décadas, por turistas, nacionais e estrangeiros, seria quiçá de esperar um pouco mais de sensibilidade para forasteiros. Mas nada – antes do advento do GPS, restava a fé na divindade, que como é sabido raramente funciona.

> **"Quem coloca os sinais de direção e com que critério? Porque é que entramos numa rotunda sem fazer ideia de qual a saída que nos serve? Quantas vidas, alegria, tempo e combustível se perdem em Portugal pela incompetência de quem planta tabuletas?"**

Quantos acidentes ocorrem em Portugal por causa de má sinalização nas estradas, não creio que alguém tenha estimado, como não creio que por cá, como na Suécia, se tenha levado tão a sério a determinação de acabar com as fatalidades nas estradas que investigue cada acidente mortal para perceber a causa – chegando-se à conclusão de que muitas das vítimas não eram bêbados ou condutores irresponsáveis, mas pessoas que cometeram pequenos erros num sistema sem margem para erro.

Essa noção levou o Governo sueco a determinar, num projeto de lei governamental de 1997, que os responsáveis pelo sistema têm de tomar todas as medidas necessárias para que haja menos ferimentos e mortes resultantes de acidentes rodoviários – o que, como traduz a BBC num artigo de maio último, se lê: "Quem desenha as estradas não pode pensá-las para condutores ideais que nunca se distraem ou excedem o limite de velocidade; tem de as fazer para pessoas reais, que cometem erros".

É muito mais fácil cometer erros num sistema errado, pelo que, ao fim de décadas de irritação, resolvi tentar perceber que critérios existem, se alguns, para as sinalizações de estrada, quem os põe em prática e quem fiscaliza – se alguém.

Encontrei o supramencionado regulamento, no qual procurei o título de responsabilidade: quem gere as malditas tabuletas? Para ficar na mesma: "A instalação de sinais de trânsito nas vias públicas só pode ser efetuada pelas entidades competentes para a sua sinalização ou mediante autorização destas entidades."

Liguei então para a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR), da qual me explicaram que nas zonas não concessionadas são os municípios que colocam as tabuletas; nas autoestradas, as concessionárias. "Os critérios às vezes são muito liberais", admitiu a pessoa, muito simpática e prestável, que me atendeu, dando-me razão no que respeita a sinalização de rotundas e de saídas e à possibilidade de essas deficiências serem responsáveis por acidentes. E recomendou: "Quando as pessoas se dão conta desses casos devem comunicar-nos para irmos fiscalizar."

Porque, como se lê no *site* da Autoridade na secção "Informação Técnica", até há critérios. Por exemplo no que respeita a rotundas tem de existir (quem diria?) um "pré-aviso gráfico", "colocado nas proximidades da rotunda, com indicação dos destinos e identificação das estradas que os servem".

Face ao observado preferia que este "nas proximidades" fosse mais claro, com número de metros, para não dar azo a invenções. E sobretudo preferia acreditar que a fiscalização da ANSR é eficaz e as suas indicações são acatadas.

Porém no documento "pontos negros" (referindo-se a locais perigosos nos quais ocorreu sinistralidade grave) encontrei, relativo à EN125, várias anotações, designadamente, em relação a uma rotunda, "sinalização vertical de código de orientação em desconformidade com o Regulamento de Sinalização de Trânsito". A data da observação é dezembro de 2023, lendo-se "não implementada". No troço analisado, diz o relatório da fiscalização em causa, houve vários acidentes desde 2017, com um "custo socioeconómico" de mais de três milhões de euros.

Se calhar, digo eu, num país que com uma média anual de 60 mortes na estrada por milhão de habitantes ocupa o sexto lugar no *top* da UE, os "custos socioeconómicos" justificam mais proatividade nestas fiscalizações e mais dureza perante as "desconformidades". Bastaria pôr gente que não conhece as estradas ao volante, com um técnico ao lado a anotar todas as dúvidas, hesitações e erros causados por informação deficiente, e obrigar às alterações necessárias. É capaz de compensar, não?

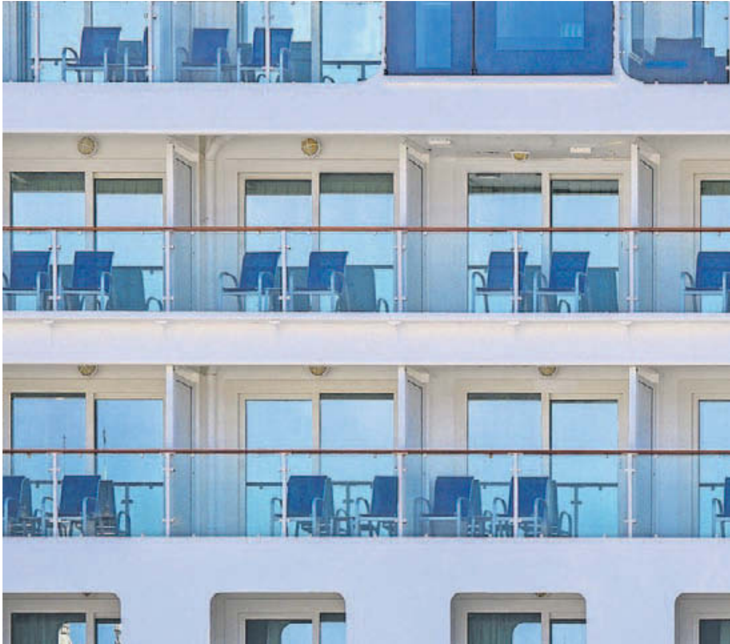
Jornalista

Cruzeiros em Lisboa

FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**

Lisboa é uma cidade europeia das mais procuradas pelas empresas de cruzeiros. Só no ano passado, bateram-se recordes, tendo desembarcado na capital portuguesa 700 mil passageiros que quiseram vir conhecer um dos melhores climas da Europa, a História, a excelente gastronomia. Chegar a Lisboa por navio é também entrar pela barra do Tejo, uma das mais belas do mundo, com a imponente foz, a Ponte 25 de Abril e a magnífica arquitetura alfacinha a saudar quem nos visita.

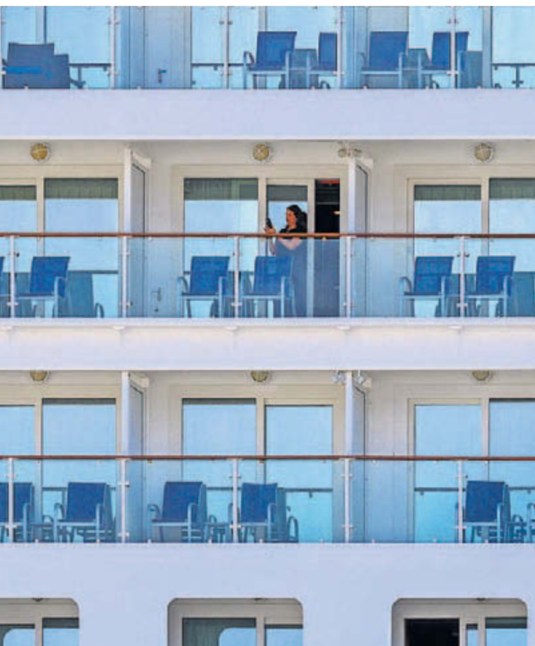







·LISBOA·






VIKING SKY
BERGEN

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." O resultado foi este.

Cláudio Sunkel Diretor do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde I3s

"O meu maior problema é sempre comprar sapatos que me ficam pequenos"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
O que o mais gostava era de ser justo. Embora as pessoas não associem esta característica a um superpoder, estou convencido de que a justiça é das coisas mais difíceis de atingir e, portanto, até pode ser um superpoder.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Uma serie que adorei e que, de facto, vi numa maratona foi *Gâmbito da Dama*. Um drama muito bem conseguido em que tudo se joga na estratégia e na convicção.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Não só mais estranha, como, de facto, não voltava a comer: *haggis*, um prato tradicional escocês que consiste num bucho de ovelha recheado com vísceras, ligadas com farinha de aveia.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Adorava estar no Renascimento, em Itália, na altura do Leonardo da Vinci e de Rafael em que alguns dos mistérios mais interessantes sobre a luz e a cor foram desvendados. Poderia ir em qualquer momento.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Sem qualquer dúvida a Pantera Cor-de-Rosa.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Embora pense que sei dançar bastante bem, sobretudo as latinas, uma vez tentei dançar a valsa e foi um desastre.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Não me importava de passar um dia a perceber o que implica ser presidente dos Estados Unidos.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
A salsa.



DR

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e por quê?
Um dos filmes que mais me marcou foi *Providence*, de Alain Resnais, em que Dirk Bogarde e John Gielgud desenvolvem narrativas enoveladas que se desdobram em diferentes planos, baralhando noções de realidade e sonho.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
No laboratório fazemos todos os anos uma Festa de Natal com o amigo secreto e já recebi desde um soldadinho de chumbo até umas luvas do Pai Natal.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Obviamente um touro. Não só é o meu signo, o que não significa grande coisa, mas o animal é um portento da natureza.



Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Em Portugal não se conhece porque é um fruto dos Andes chamado lúcuma. Não é um sabor conhecido, mas é absolutamente diferente de tudo o que se conhece. E, portanto, seria uma tarte de suspiros com lúcuma.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
O meu feriado seria o *Dia da Criatividade*. Todo mundo a pensar, a sonhar e a procurar tudo aquilo que sempre procurou.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Na verdade não sou muito de *hobbies*. Já fiz fotografia a preto e branco, toquei saxofone, fiz mergulho e fotografia subaquática, mas o meu *hobby* mais permanente é cozinhar e não é estranho ou incomum.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Sem dúvida Nelson Mandela. Um enorme ser humano.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Lamento, mas não só eu não tenho piada, como sou das pessoas que quando começa a contar uma piada esquece-se sempre da frase fundamental para que seja uma piada.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Eu perguntaria o mesmo a qualquer animal: percebes que és um animal?

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Penso que sou um excelente organizador. Algumas pessoas conhecem, mas não são muitas.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul, sem qualquer dúvida!

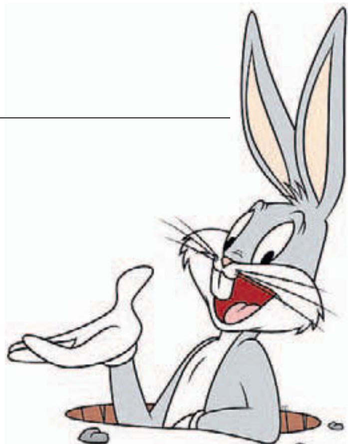
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Impacto! O que eu mais gosto é que o que eu faço tenha impacto na minha área de trabalho, na ciência que se faz em Portugal e, claro, na vida dos doentes para os quais nós trabalhamos incansavelmente.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Um tratamento para tornar doenças como o cancro em doenças crónicas, de forma a que este enorme fardo possa ser eliminado.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Tantas que não me atrevo a dizer. Contudo o meu maior problema é sempre comprar sapatos que me ficam pequenos. Não percebo porquê!

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Depois de muitos anos, concordo plenamente com a minha mulher. Seria peixe grelhado.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Das memórias mais profundas que tenho são da nossa casa de praia em El Quisco [Chile], a jogar xadrez com o meu pai e a ver o pôr do sol na enorme janela da sala, mesmo em frente às rochas e ao Pacífico, numa tarde fria de inverno.



Se fosse um meme, qual seria?
Bugs bunny, de certeza.

Qual seria o título da sua autobiografia?
What's Up, Doc?

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Obviamente que seria o [Super] Mario Bros. porque traz memórias fantásticas do meu filho a ganhar-me sempre nos videojogos.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
No meu melhor *portunhol* uma vez disse: "Uma velha mordeu o meu cão" quando queria dizer "uma abelha mordeu o meu cão". A filha de 5 anos do meu amigo achou muito engraçado e perguntou: "Por que é que a velha mordeu o cão?"

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Tentar perceber como é que fazem de nós parvos, roubam às mãos cheias o erário público e depois somos sempre nós a lidar com as consequências.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Talvez uma das coisas mais interessantes que aprendi nestes últimos tempos é que, afinal, nós, os humanos, somos 95% animais e só 5% seres racionais, criativos, iluminados, artistas, cientistas, criativos, etc....

Portugal tem 144 empresas com potencial para ascenderem a grandes companhias

ESTUDO Associação Business Roundtable Portugal, em parceria com a consultora Informa D&B, identifica um conjunto de "empresas adolescentes" como oportunidades de crescimento da economia nacional. 40% são do setor industrial.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**



É na indústria que se concentra o maior número de "empresas adolescentes" em Portugal.

SÉRGIO FREITAS / GLOBAL IMAGENS

Portugal tem pouco mais de mil grandes empresas – menos de 1% do tecido empresarial –, sendo que 30% delas eram de média dimensão há apenas cinco anos. Em contrapartida, há hoje 144 entidades que poderão ser as grandes empresas do futuro. Em conjunto, faturam cerca de 5,4 mil milhões de euros, dão emprego a 14 mil pessoas e exportam qualquer coisa como 1,5 mil milhões de euros.

Estas são as "empresas adolescentes", identificadas pela Associação Business Roundtable Portugal, em parceria com a Informa D&B, como sendo as que estão em "melhores condições" para crescer, aportando à economia nacional "os benefícios que só as grandes empresas conseguem".

O que são, então, empresas adolescentes? São companhias que estão no topo das médias empresas, que registam um volume de negócios de 30 a 50 milhões de euros, sendo as que "mais cresceram" em faturação e em emprego.

Indica o estudo da Informa D&B que o volume de vendas das empresas adolescentes registou um crescimento médio anual de 12,7%, entre 2018 e 2022, "muito superior aos outros segmentos de empresas". A título de exemplo, no mesmo período, a faturação das grandes empresas aumentou 8,7% ao ano, enquanto o tecido empresarial português, como um todo, cresceu 7,6%.

As "adolescentes" reforçaram os seus quadros de pessoal, aumentando o emprego, em média, 6,2% ao ano, entre 2018 e 2022, o que compara com um crescimento de 2,1%, quer no número de trabalhadores das grandes empresas quer no total do tecido empresarial.

"Outros indicadores financeiros, como a autonomia financeira, rácio de solvabilidade e rentabilidade dos capitais próprios são também superiores nas empresas adolescentes, quando comparados com os outros segmentos de empresas", refere o estudo, concluindo que estas entidades, de grande potencial, têm "uma resiliência financeira consideravelmente superior a todos os outros segmentos, com 90% delas a registar níveis de resiliência elevado ou médio-alto".

Quanto às suas áreas de atividade, as 144 empresas "adolescentes" identificadas estão concentradas em três setores: indústria (40%), comércio grossista (29%) e retalhista (19%). São maioritariamente (78%) empresas maduras, com 20 anos ou mais, "uma antiguidade muito semelhante à que encontramos entre as grandes empresas", sendo que, cerca de um terço delas, tem uma gestão familiar, diz ainda a Informa D&B.

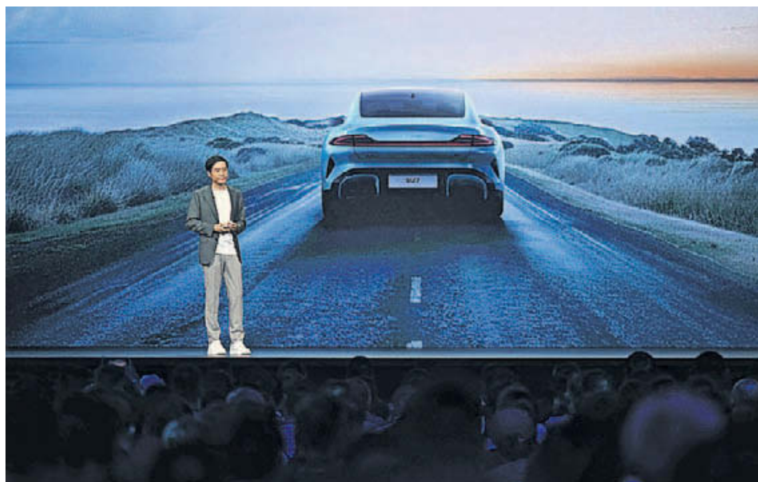
Com representatividade em todo o país, as empresas "adolescentes" estão mais fortemente concentradas no litoral, em especial nos distritos de Lisboa (23), Porto (19), Aveiro (15), Braga (12), Leiria (10) e Setúbal (10). Têm uma forte vocação exportadora, com quase seis em cada dez destas empresas a manterem negócios com o exterior, sendo que os mercados externos correspondem, em média, a 27% da sua faturação total.

Por fim, o estudo conclui que 13% destas entidades são consideradas empresas inovadoras, pelo perfil dos seus investimentos em tecnologia e I&D, uma percentagem que no tecido empresarial em geral é de apenas 0,4%.

"É urgente garantir as condições para que estas empresas passem rapidamente a fronteira para grandes empresas. Portugal precisa de mais grandes empresas – que são mais produtivas, investem e inovam mais, criam maior riqueza e pagam melhores salários. Este estudo confirma que temos muitos e bons candidatos a serem as próximas grandes empresas, cujo crescimento será fundamental para acelerar o crescimento económico e social de Portugal, e garantir um país mais justo, próspero e sustentável", defende o presidente da Associação Business Roundtable Portugal, entidade que dispõe de um programa de apadrinhamento de empresas adolescentes. Este "consiste num acompanhamento personalizado por parte de um CEO da Associação BRP ao CEO da empresa adolescente selecionada", explica Carlos Moreira da Silva, sustentando ainda: "Queremos acelerar as empresas médias de elevado potencial de crescimento, oferecendo todo o nosso conhecimento e experiência de empresas líderes e globais."

Já a diretora-geral da Informa D&B considera que, "num tecido empresarial como o nosso, com uma enorme quantidade de empresas de reduzida dimensão e onde é difícil crescer sucessivamente e ganhar dimensão, estas empresas que identificamos como 'adolescentes' merecem uma atenção especial, pois são as que estão mais preparadas para serem grandes empresas, com todos os benefícios que isso significa para a economia do país".

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt


MICHAEL ZHANG / AFP

Lei Jun, na apresentação do Xiaomi SU7, em julho.

Chinesa Xiaomi prepara-se para atacar mercado europeu de carros elétricos

MOBILIDADE O primeiro VE da marca chinesa foi apresentado em março. Preço inicial é de 27 400 euros.

A Xiaomi, tecnológica chinesa conhecida internacionalmente pelo fabrico de telemóveis, prepara-se para entrar no negócio dos carros elétricos na Europa. O presidente da empresa, Lu Weibing, revelou que está a estudar o momento certo para introduzir os seus veículos elétricos no mercado europeu, segundo avançou ontem o portal de notícias local Sina. Em março, foi apresentado o primeiro carro Xiaomi, o SU7.

Lu Weibing adiantou que a divisão automóvel da empresa está "a estudar a melhor altura para entrar no mercado europeu", apesar de a Europa estar a fazer a transição para os veículos elétricos "mais lentamente" do que a China.

As declarações foram feitas durante uma transmissão ao vivo com o fundador e presidente executivo da Xiaomi, Lei Jun, após os dois terem feito uma viagem de negócios à Europa, onde tiveram reuniões com fabricantes de automóveis como a BMW, Ferrari e Lamborghini sobre potenciais parcerias.

No final de julho, a Xiaomi exibiu o primeiro carro elétrico, o SU7, num evento especial em Paris, o que levou a especulações sobre uma possível entrada no mercado europeu, após o que a empresa indicou que ainda não havia planos para vender carros no estrangeiro nos tempos mais próximos.

No entanto, no mês passado, noutra conferência virtual, Lei Jun indicou que o plano da Xiaomi era entrar no mercado automóvel europeu até 2030 e tornar-se uma das cinco maiores marcas de veículos do mundo dentro de 15 a 20 anos.

O SU7, que marca a entrada da empresa chinesa no setor automóvel, foi apresentado a 28 de março com um preço inicial de 215 900 yuan (27 400 euros), tendo registado 50 000 reservas nos primeiros 27 minutos.

O veículo da Xiaomi, empresa até agora conhecida sobretudo pelos telemóveis, possui os chamados motores elétricos de "superpotência", um V6 ou V8 consoante o modelo, e oferece uma aceleração de 0-100km/h em 2,78 segundos, bem como uma velocidade máxima de 265km/h na sua gama mais elevada.

O fundador da Xiaomi estabeleceu um objetivo de mais de 100 mil entregas este ano e deixou claro que, nos próximos três anos, se iriam concentrar "a 100%" no mercado nacional.

Como explicou, "fazemos negócios em mais de 100 países, temos uma presença global e uma base de fãs da Xiaomi. Quando estivermos prontos para dar o salto para o mercado internacional, será um passo natural".

DN/DV/LUSA

Consumo de carvão tem quebra histórica

A produção e o consumo de carvão na União Europeia (UE) diminuíram, em 2023, para os níveis mais baixos registados, após as sanções europeias à Rússia. Os dados preliminares do gabinete estatístico da UE, revelam que, no ano passado, a produção de carvão atingiu 274 milhões de toneladas (uma quebra de 22% em comparação com o ano anterior) e o consumo totalizou 351 milhões de toneladas (menos 23%).

"Com uma redução de mais de 100 milhões de toneladas no consumo de carvão, esta parece ser uma das maiores reduções anuais históricas observadas para o combustível na UE", realça o Eurostat. Em 2023, a Alemanha (37%) e a Polónia (27%) foram os principais consumidores de carvão no espaço comunitário.

Estas quedas surgem depois de sanções europeias às importações russas de carvão betuminoso, em agosto de 2022, devido à invasão russa da Ucrânia. Em 2022, a Rússia continuou, porém, a ser o maior fornecedor de carvão betuminoso à UE, com 24%, à frente dos EUA (18%) e da Austrália (17%).

No que toca ao cabaz energético da UE, nesse ano, o carvão foi, pela primeira vez, ultrapassado pela energia solar na produção de eletricidade, sendo que a proporção de energia solar na produção total de eletricidade da UE foi de 210 249 gigawatts-hora (GWh), em comparação com 205 693 GWh para o carvão betuminoso.

A Polónia e a República Checa são os dois únicos produtores de carvão betuminoso na UE.

DN/DV/LUSA



Opinião
Luís Miguel Ribeiro

Grande incerteza e enormes desafios...

Os números do comércio internacional de bens mostram que no mês de junho Portugal melhorou o seu défice comercial, embora não tenha sido pelo ambicionado aumento das exportações. Tal evolução ficou a dever-se a uma mais forte redução, em termos nominais, das importações do que das exportações (-6,4% e -3,8%, respetivamente, em termos homólogos).

No cômputo do 1.º semestre a queda das exportações foi de 0,9% e das importações de 2,5%, uma evolução contrária à ocorrida em igual período de 2023 (+3,7% e +1,0%, respetivamente).

São muitos os setores com um recuo das suas vendas no mercado internacional, como os têxteis e vestuário, o calçado, o mobiliário, a metalomecânica, entre outros. A redução materializou-se em vários dos principais parceiros comerciais europeus, mas também noutros mercados extra-União Europeia, consequência da desaceleração da procura externa, associada ao período de enorme instabilidade e à incerteza a nível global, que se acentuará perante um escalar dos conflitos geopolíticos.

O agravamento do preço dos fretes marítimos no transporte internacional de mercadorias faz recuar a nossa memória à sucessão de choques já anteriormente vividos, no contexto da pandemia por covid-19 e da guerra na Ucrânia.

> **"As políticas públicas devem ser flexíveis e estimuladoras da atividade empresarial privada, ao invés de rígidas."**

Perante um cenário internacional fortemente adverso, que os empresários não podem controlar, importa minimizar o risco nos negócios, pela via da diversificação dos mercados, da inovação e diferenciação dos produtos e da adaptação, nem sempre fácil, a um perfil de consumidores com distintos padrões de consumo e de valores. Olhemos para o exemplo do segmento mais jovem. Hoje, a multiplicidade e uso de plataformas digitais de venda de roupa usada, sobretudo por parte desta camada da sociedade, impacta no volume de encomendas e, consequentemente, na produção e venda de novas peças de vestuário. No calçado, os mais jovens tendem a valorizar outras categorias que não o calçado mais convencional.

Um olhar atento à evolução do Índice de Preços no Consumidor (IPC) permite precisamente constatar a influência desta tendência da procura. Nas classes com contribuições mais negativas para a variação do IPC estão o vestuário e o calçado, enquanto os voos internacionais surgem com as maiores contribuições positivas. Há claramente um *trade-off* na decisão de compra entre estes bens e serviços!

São, pois, enormes os desafios que os empresários enfrentam. As políticas públicas devem ser flexíveis e estimuladoras da atividade empresarial privada, ao invés de rígidas, como continuamos a verificar com algumas medidas de promoção do emprego.

Presidente do Conselho de Administração da AEP

David Ciceo
"A diáspora é um setor decisivo no tráfego aéreo da Roménia"

AVIAÇÃO O diretor do Aeroporto de Cluj-Napoca e presidente da Associação de Aeroportos Romenos foi um dos participantes numa conferência sobre transporte aéreo realizada em Chisinau, na Moldova, e conversou com o DN sobre o papel dos fundos europeus no desenvolvimento das infraestruturas de transportes na Roménia.



ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA,** EM CHISINAU

Começo por lhe perguntar sobre a recente admissão da Roménia no Espaço Schengen. É muito importante para o país, 17 anos depois da entrada na União Europeia esta livre circulação, nomeadamente via aeroportos?
Sim, é muito importante. Traz facilidades aos passageiros, porque não perdem mais tempo na polícia de fronteiras a apresentar o Cartão de Cidadão ou o passaporte. Mas também, e isso é importante, dá-nos esta boa sensação de que somos cidadãos europeus com plenos direitos. Esperamos que em breve estejamos também com as regras Schengen nas entradas via estrada. Do ponto de vista do transporte aéreo, pelo que analisei, haverá um aumento do tráfego, porque para os turistas estrangeiros a perceção é que viajam mais facilmente nos países do Espaço Schengen. É como se fosse um voo doméstico.

O primeiro impacto será no turismo, o que pode ajudar a economia romena, certo?
É muito bom para os turistas. Essa perceção de que é como um voo doméstico, que tudo é mais fácil nos aeroportos, trará mais visitantes. E facilita a própria logística dos aeroportos, pois os passageiros passarão menos tempo neles, ao não haver mais as tais filas na polícia de fronteiras.

São 17 os aeroportos romenos. São todos modernos, ou há uma grande diferença entre o da capital, Bucareste, e, por exemplo, o de Timisoara?
Já não existe uma grande diferença, porque nos últimos três anos, 14 aeroportos receberam fundos europeus e conseguimos, assim, modernizar as nossas infraestruturas, melhorar também a segurança. Todos esses aeroportos tiveram novos terminais ou ampliaram de algum modo as suas instalações.

Os fundos europeus estão a ser vitais para a modernização da Roménia em termos de infra-estruturas, não só aeroportos, mas também na rede de estradas?
Sim, nas estradas também. Os aeroportos receberam apoio até ao ano passado. Não temos agora programas gerais para os aeroportos no futuro. Provavelmente cada aeroporto poderá candidatar-se a receber apoio para a digitalização ou para o uso das energias verdes. A Roménia recebeu muitos fundos para desenvolver as suas infraestruturas, é verdade, mas mesmo assim é preciso investir mais nas rodovias. Infelizmente, não temos ainda suficientes boas estradas.

É diretor do Aeroporto de Cluj-Napoca. Estive já em Bucareste, Brasov, Timisoara e Sibiu. E todas estas cidades romenas têm um grande interesse turístico. Cluj-Napoca e, novamente uso o exemplo, e Timisoara têm futuro em termos de atração turística?
Sim, todas são cidades bonitas, em regiões turísticas muito agradáveis de visitar. Também Cluj é uma cidade muito bonita. E em redor, temos grande diversidade para oferecer aos turistas. Provavelmente temos de nos promover melhor. Dar a conhecer o que nos faz atrativos, mas diferentes.

Fala da História, da cultura, da gastronomia, dos vinhos?
Sim. E no caso de Cluj além da História, há as universidades que ensinam em inglês, como as de Ciências Médicas. Temos mais de cinco mil estudantes estrangeiros em Cluj. Que vêm de França, da Alemanha, etc.

Via programa Erasmus?
Não só Erasmus, pois as universidades atraem muitos estudantes por causa do ensino em inglês. Todos os fins de semana muitos ingleses vêm conhecer a cidade. Pelas escolas e até pelos *pubs*.

Quando falamos dos aeroportos da Roménia, o tráfego originado pela diáspora também é importante?
Sim, muito importante, porque estes romenos que vivem fora vêm visitar a família e os amigos e também pagam aos seus familiares, na Roménia, para os irem visitar. E muitas vezes, nas férias, trazem amigos estrangeiros para mostrar o país onde nasceram. Então, sem dúvida, a diáspora romena é um setor decisivo no nosso tráfego aéreo. Temos outra categoria importante, nova, que são os imigrantes, porque agora a Roménia atrai muitos trabalhadores asiáticos. Do Bangladesh, do Nepal, do Vietname, do Sri Lanka. Este ano chegaram 100 mil. E como falta mão-de-obra, vão continuar a chegar. Se a cada ano chegarem 100 mil trabalhadores, em dez anos teremos um milhão de trabalhadores asiáticos no país. Esta categoria irá gerar tráfego aéreo, certamente.

Depois da enorme emigração da Roménia para a Europa Ocidental, agora há falta de trabalhadores no país...
Infelizmente, sim. Muita gente saiu para trabalhar em Espanha, em Portugal, em Itália, no Reino Unido. Alguns deles não voltam mais. Em Portugal, pelo que sei, estão muito bem integrados. São trabalhadores muito apreciados.

Em Portugal, após décadas de debate, o novo Governo confirmou a decisão do anterior Governo e vai ser construído um novo aeroporto em Lisboa. Um aeroporto moderno, especialmente na capital, é cada vez mais extremamente importante para o desenvolvimento económico de um país?
Claro, é muito, muito importante para o desenvolvimento da economia, dos negócios, do turismo. Há um impacto direto no PIB muito positivo.

Estamos na Moldova. Sei que culturalmente, os moldovos são muito próximos dos romenos, e olham para a Roménia como modelo. A ambição desta antiga república soviética de fazer parte da União Europeia é muito influenciada pelo sucesso da irmã Roménia pós-2007?
Sim, existem relações históricas estreitas entre a Moldova e a Roménia. A Roménia ajuda muito no processo de adesão da Moldova. E não esquecer que muitos moldovos têm passaporte romeno. Na verdade, falam romeno. Partilhamos a mesma História. Esperamos que nos venhamos a reunir em breve na União Europeia.

O DN viajou a convite da Aviation Event

Protestos pró-palestinianos na véspera do discurso do marido judeu de Kamala

CONVENÇÃO DEMOCRATA A guerra em Gaza é um dos temas que destoam na aparente união em torno da candidatura da vice-presidente. O "segundo cavalheiro" Doug Emhoff discursa esta noite, tal como o casal Barack e Michelle Obama.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Menos de um mês depois de Joe Biden ter renunciado à reeleição, os democratas reúnem-se na Convenção Nacional de Chicago com uma energia renovada em torno da candidatura de Kamala Harris. Mas há um tema que ameaça a união no partido: a guerra em Gaza e a posição da Administração sobre o conflito. Os protestos anti-Israel e pró-palestinianos ameaçavam ensombrar os trabalhos dos delegados na primeira noite, sendo o discurso do marido de Kamala, o judeu Doug Emhoff, um dos momentos-chave da segunda.

O "segundo cavalheiro", que pode tornar-se o "primeiro cavalheiro" se Harris vencer Donald Trump em novembro, tem sido uma voz dentro da Casa Branca contra o antissemitismo. "É um veneno que corre nas veias da democracia e dos ideais democráticos", disse Emhoff, de 59 anos, num evento há dias em Paris, defendendo que "parte da luta contra o ódio é viver aberta e orgulhosamente como judeu e celebrar a nossa fé e a nossa cultura".

Emhoff, um antigo advogado da indústria do entretenimento que conheceu Harris num encontro às cegas em 2013 quando ela era procuradora-geral da Califórnia, ajudou a desenhar a estratégia nacional contra o antissemitismo. Um problema que já existia antes do ataque terrorista do Hamas do 7 de Outubro, no qual cerca de 1200 pessoas morreram, mas que piorou com a resposta israelita em Gaza, com o número de mortos na guerra a ultrapassar já os 40 mil (segundo as contas das autoridades locais, controladas pelo Hamas).

Biden apoia Israel, sendo criticado pela ala mais progressista do Partido Democrata por ser permissivo com o Governo de Benjamin Netanyahu. Entre os democratas, há quem queira um embargo de armas a Israel, algo que é rejeitado pela Administração. Mas, dentro do partido, há também quem critique os pró-palestinianos, especialmente os mais radicais que acusam Israel de "genocídio" em Gaza.

Harris, que condenou os manifestantes pró-Hamas como "desprezíveis" quando recebeu Netanyahu no mês passado, apoia o direito de Israel a defender-se contra o terrorismo. Mas deixou claro que não iria deixar de falar do sofrimento e da destruição causados pelo Exército israelita em Gaza, insistindo na necessidade de um cessar-fogo. É vista como mais próxima da tendência progressista do que Biden.

Mas isso não tem travado as interrupções em alguns dos seus comícios, com cânticos pró-palestinianos. Em Detroit, Harris respondeu: "Eu estou a falar. Se querem que Trump ganhe, continuem com isso. Caso contrário, calem-se e deixem-me falar." No final, a sua equipa de campanha explicou que os manifestantes tinham falado em "genocídio".

Dezenas de milhares de manifestantes desfilaram ontem em Chicago, que tem uma das mais importantes comunidades palestinianas dos EUA. As autoridades diziam estar preparadas para travar eventuais cenas de violência, como as que marcaram a convenção de 1968 (na altura os protestos eram contra a guerra no Vietname) – um cenário que ninguém queria ver repetido.

Mas a contestação era esperada também no interior do United Center. Um grupo de 30 delegados foram escolhidos como "não-comprometidos", numa iniciativa para chamar a atenção para a guerra em Gaza. E esperavam ter uma palavra a dizer.

Além do marido de Harris (bem mais presente na campanha do que a mulher de Trump, Melania), haverá outros judeus em palco. Destaque para o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, que estava na lista final das opções para candidato a vice-presidente – e foi preterido pelo governador do Minnesota, Tim Walz. Uma decisão que os republicanos se apressaram a apelidar de antissemita, algo que o próprio Shapiro rejeitou.

Harris, que hoje contará também com o apoio do ex-casal presidencial Barack e Michelle Obama, terá de defender bem a sua posição em relação à guerra de Gaza. Tudo para não perder nem o apoio dos árabes-americanos, importantes em estados como o Michigan, nem o dos judeus americanos, que podem ser cruciais por exemplo na Pensilvânia.

susana.f.salvador@dn.pt



EPA / WILL OLIVER

Cartazes a favor da Palestina e do fim do "genocídio" e a defender o fim da ajuda dos EUA a Israel.

Republicanos no ataque a Biden

Horas antes do discurso de Joe Biden na Convenção Democrata em Chicago (já madrugada em Lisboa), onde se esperava que o presidente fizesse um balanço do mandato e dos mais de 50 anos de vida política antes de passar o testemunho a Kamala Harris, os republicanos abriram um processo de *impeachment*. Três comissões da Câmara de Representantes, onde os republicanos têm maioria, acusam Biden de corrupção nos negócios no estrangeiro do seu filho Hunter. Acusações baseadas em insinuações, sem apresentar qualquer prova.



Análise
Germano Almeida

Kamala a tentar prolongar o *momentum*

Kamala Harris chegou à semana da Convenção de Chicago na frente da corrida. Não é uma vantagem que possa fazer descansar, mas, ainda assim, é um avanço significativo.

Nas últimas 12 sondagens nacionais, a democrata aparece na liderança em nove (sendo que por diferença de quatro pontos em três delas). Trump apenas numa e de forma tangencial (Fox News, 50/49). Empate noutras duas.

Mais relevante do que isso é olhar para os estados decisivos. Se pusermos como pressuposto que a Florida será Trump e a Virgínia será Kamala (ainda que as diferenças nestes dois estados não sejam superiores a cinco pontos percentuais, em alguns estudos), podemos, a 77 dias da eleição, isolar os sete estados que vão decidir quem será o próximo presidente dos EUA: Arizona, Nevada e Geórgia (*Sun Belt*), Carolina do Norte e, depois, Pensilvânia, Michigan e Wisconsin (*Rust Belt*).

O caminho para a vitória democrata é mais fácil de fazer: basta vencer os três da *Cintura da Ferrugem* ou, em alternativa, dois deles e a Carolina do Norte ou dois deles e Arizona e Nevada.

A sondagem do *Cook Political Report* mostra que Kamala passou para a frente na Pensilvânia (+1), Michigan (+3), Wisconsin (+3), Carolina do Norte (+1) e Arizona (+2). A Geórgia está em empate técnico e no Nevada é Trump quem lidera (+3). Aqui, Harris reduziu a distância seis pontos em três semanas. No voto popular Kamala lidera por +3 (51/48, CBS News, 14 a 16 de agosto).

O bom desempenho de Harris traduz-se num grande domínio em segmentos como mulheres, negros e latinos; Trump só aparece claramente à frente nos homens brancos, sobretudo os que têm pouca escolaridade.

A união dos democratas teve um motor: a recuperação rápida

Há um mês, a perceção geral era a de que a Convenção Democrata de Chicago seria uma grande confusão, com forte risco de divisões internas e contestação quanto a quem sairia nomeado.

Nada disso.

A desistência de Joe Biden – embora, para alguns, um pouco tardia – surgiu a tempo de relançar a esperança dos democratas. Foi fundamental que, logo a seguir a ter anunciado aos americanos as razões de abdicar de buscar a reeleição – Biden tenha escrito uma mensagem dirigida aos democratas, endossando claramente a sua vice-presidente. Isso retirou espaço a uma luta real entre vários pretendentes, numa janela temporal manifestamente curta e insuficiente.

Os democratas devem a Biden ter conseguido evitar isso. O resto é mérito de Kamala. Em poucos dias encontrou o tom certo para enfrentar Trump e para energizar a base. As sondagens detetaram a recuperação em poucos dias.

Nas últimas três semanas, quase tudo correu bem a Kamala Harris. Terá, na Convenção de Chicago, os frutos desse bom momento. Depois de Joe Biden no dia de estreia, contará com os dois presidentes democratas anteriores – Barack Obama e Bill Clinton –, além de Hillary Clinton (nomeada presidencial democrata em 2016, pelo que os democratas escolheram duas mulheres nas últimas três nomeações presidenciais). Também merecem destaque as escolhas para falar na Convenção de Pete Buttigieg (secretário dos Transportes da Administração Biden, apontado por muitos como um dos políticos sub-45 mais talentosos da América) e JB Pritzker, governador do Illinois, que chegou a estar na *shortlist* para a vice-presidência.

Os discursos dos dois nomeados serão especialmente relevantes. De Tim Walz espera-se que consiga mostrar o caso de que é o indicado para unir a base democrata e fazer a ponte dos americanos brancos, sobretudo homens, de escassa escolaridade do Midwest com o resto da coligação Kamala: jovens, negros, latinos, mulheres, eleitores altamente escolarizados.

Quanto a Kamala Harris, e depois do sucesso da mobilização nas últimas três semanas, terá de produzir na Convenção um discurso mais articulado e completo sobre os temas que, de acordo com as sondagens, preocupam o eleitorado: a economia (sobretudo o combate à inflação) e o emprego.

As duas facetas eleitorais da Economia

Kamala Harris revelou, no final da semana passada, o seu plano económico. O local escolhido, a Carolina do Norte, simboliza o estado que poderá indicar um grande sucesso na sua estratégia eleitoral (nas últimas quatro décadas, só por uma vez os democratas lá ganharam uma Eleição Presidencial, com Barack Obama em 2008).

A campanha democrata prevê cortes de impostos a 100 milhões de americanos (os que ganham abaixo de 400 mil dólares/ano); o foco está no preço das casas (cuja inflação é cerca de dez vezes superior à percentagem global de inflações neste momento na América). Kamala quer contribuir para que três milhões de novas casas estejam disponíveis, com incentivo à compra através de benefícios fiscais. Os primeiros compradores terão benefícios ainda maiores e prevê-se a criação de um fundo federal de 40 mil milhões de dólares para apoiar construtores de novas casas.

Outro foco do Plano Kamala são os produtos de mercearia. A ideia de impor tetos máximos de preços na comida pode parecer boa para os consumidores, mas levanta problemas numa economia tão aberta como a norte-americana (e pode gerar efeito contraproducente de grande aumento na procura que leve a mais inflação).

Bem mais consensual é a medida, já preconizada pelo presidente Biden e que Kamala pretende prosseguir, de uma descida "histórica" no preço de medicamentos para idosos.

Olhar para a inflação nos EUA, neste momento, gera sentimentos contraditórios. Por um lado, parece indiscutível que a Administração Biden conseguiu reduzir mais rapidamente que o previsto o pico dos 9,1% de há dois anos (apenas 2,9% em julho), fruto da política bem-sucedida de aumento dos juros praticada pela Fed – que, assim, tem campo aberto para agora baixar os juros 0,5%, provavelmente a 19 ou 20 de setembro, o que poderá colocar mais dinheiro no bolso dos americanos.

No entanto, a inflação tem sido um ponto usado por Trump para atacar Kamala: o candidato republicano sabe que muitos americanos ainda sentem que estão a pagar acima do habitual quando vão ao supermercado ou à bomba de gasolina.

Talvez por isso, Trump lidere Kamala na parte económica (57/43), apesar de a maioria dos eleitores republicanos considerarem que Donald tem de mudar o seu comportamento na campanha, passando a focar-se mais nos temas e menos no lado narcísico da sua personalidade.

Que tipo de Kamala pode derrotar Trump?

Temos visto uma candidata presidencial democrata a apostar quase tudo nas perceções, a projetar uma imagem humana, próxima do americano comum, por isso também a escolher Tim Walz e não Josh Shapiro para vice-presidente.

Recheada de assessores e consultores que trabalharam nos oito anos de Presidência Obama e nas duas campanhas presidenciais vitoriosas de Barack – com David Plouffe à cabeça –, Kamala parece ter aprendido com o que falhou na campanha Hillary Clinton 2016: não basta ser incrivelmente mais bem preparado que o adversário, muito menos produzir vários documentos oficiais de campanha a suportá-lo. É, sobretudo, preciso transmitir confiança e adesão ao que os eleitores nos estados decisivos estão a sentir. É cada vez mais assim que se ganham eleições na América.

Também por isso se está a notar uma Kamala que, em vez de ser a "incumbente" (por ser a herdeira de Biden) se posiciona como *challenger* do já uma vez presidente Trump.

Especialista em Política Internacional


24.ª BRIGADA MECANIZADA DAS FORÇAS ARMADAS DA UCRÂNIA / AFP

Kiev continua a usar material soviético, como este veículo de reconhecimento de combate, em Donetsk.

Destino na frente depende de armas de longo alcance

UCRÂNIA Com importante vila prestes a cair, Zelensky diz que avanço a leste dos russos só pode ser parado se Aliados acabarem com restrições.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Volodymyr Zelensky voltou a dizer que a incursão em Kursk está a ser bem-sucedida, no entanto em Donetsk, no leste da Ucrânia, as forças russas continuam a avançar – e só uma decisão dos Aliados poderá mudar o destino no Donbass, disse o presidente ucraniano. O próximo alvo russo é Pokrovsk, onde viviam até agora 53 mil pessoas, e que recebeu ordens de evacuação.

O comandante das forças ucranianas, Oleksandr Syrsky, confirmou que estavam a decorrer "combates pesados" em redor de Pokrovsk, vila situada no cruzamento de uma estrada que abastece as principais guarnições ucranianas na frente oriental. Syrsky disse que as forças russas tinham tentado invadir as suas posições 45 vezes nas últimas 24 horas.

Caso Pokrovsk caia, será a maior povoação a passar para as mãos dos russos desde a destruição e tomada de Bakhmut, em maio de 2023. A sua captura também abriria o caminho para novos avanços na região. Syrsky disse que está a fazer "tudo o que é necessário" para proteger Toretsk, 70 quilómetros a leste de Pokrovsk.

Para contrariar este cenário, o presidente ucraniano voltou a apelar aos Aliados Ocidentais para permitirem o uso de armas de longo alcance em território russo. "A Ucrânia só pode travar o avanço do Exército russo na linha da frente se for tomada uma única decisão, que esperamos que os nossos parceiros tomem: uma decisão sobre as capacidades de longo alcance", afirmou, a propósito da frente leste.

Depois de na véspera ter explicado que a iniciativa-surpresa na região russa de Kursk serve para criar uma zona de proteção e capturar soldados russos para troca de prisioneiros, Zelensky disse que Kiev controla 1250km^2 e 92 localidades russas.

Moscovo manteve a ideia de que não está disponível para negociações com a Ucrânia, no entanto o seu líder mostrou-se interessado em recuperar o estatuto de mediador entre o Azerbaijão e a Arménia para que estes países do Cáucaso assinem um acordo de paz. "Nesta fase, tendo em conta esta aventura, não vamos falar", disse o conselheiro diplomático de Vladimir Putin, Yuri Ushakov, ao canal de Telegram russo Shot, em referência à incursão ucraniana em Kursk. "Para já, seria completamente inapropriado iniciar um processo de negociação", disse.

Já Putin, em visita a Baku, reconheceu dificuldades, embora em território alheio. "É do conhecimento geral que a Rússia também está a enfrentar crises, em primeiro lugar na Ucrânia", disse ao lado do homólogo do Azerbaijão, Ilham Aliyev. A Arménia, aliada tradicional de Moscovo, acusou de inação as forças de manutenção da paz russas destacadas para o Nagorno-Karabakh, de onde cerca de 100 mil pessoas fugiram ao avanço do Exército azeri no ano passado.

Ierevan, que anunciou o abandono da Organização do Tratado de Segurança Coletiva, liderado pela Rússia, recebeu há um mês exercícios militares conjuntos com tropas norte-americanas. O líder russo não quer perder a influência num país onde tem alojada uma base militar. Putin alegou que "o envolvimento histórico" do seu país no sul do Cáucaso "torna necessária" uma participação diplomática. "Se pudermos fazer alguma coisa para assinar um acordo de paz entre o Azerbaijão e a Arménia ficaremos muito satisfeitos."

cesar.avo@dn.pt

Após "sim" de Telavive, Blinken pressiona Hamas a aceitar cessar-fogo

GAZA Grupo islamista diz que proposta de compromisso tem condições impostas por Netanyahu.

No que foi considerado pelo secretário de Estado norte-americano Antony Blinken "possivelmente a última oportunidade" para uma trégua, este regressou a Israel para obter do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu o aval para uma renovada proposta de paragem na guerra para a troca de reféns israelitas por prisioneiros palestinianos. Após a reunião com o líder israelita, o chefe da diplomacia dos EUA pressionou o Hamas a aceitar o "plano de compromisso", que havia sido criticado pelo grupo islamista.

"Este é um momento decisivo, é provavelmente a melhor, possivelmente a última, oportunidade de trazer os reféns para casa, de obter um cessar-fogo e de colocar todos na via da paz e da segurança duradouras", afirmou Blinken durante o encontro com o presidente israelita, Isaac Herzog, à nona visita a Telavive desde o 7 de Outubro.

Depois de ter anunciado, ao fim de três horas de reunião com Netanyahu, que "Israel aceita a proposta de compromisso", Blinken virou-se para o Hamas: "Se se preocupam verdadeiramente com o povo palestiniano que pretendem, de alguma forma, representar, então dirão 'sim' a este acordo", disse. O Hamas, que acusa o primeiro-ministro israelita de não querer chegar a acordo, lamenta que esta nova proposta "responde às condições impostas por Netanyahu", ao não prever, por exemplo, uma trégua definitiva nem a retirada das tropas israelitas da Faixa de Gaza.

Da reunião com Netanyahu saiu ainda um apelo para que as autoridades israelitas impeçam os colonos na Cisjordânia de exercer violência contra os palestinianos, bem como a aceitação de Telavive para participar numa iniciativa de vacinação das crianças da Faixa de Gaza contra a poliomielite. Após ter surgido um caso daquele vírus no enclave, a ONU apelou para a criação de medidas que permitam a inoculação de 640 mil crianças.

Na frente libanesa, Israel atacou paióis do Hezbollah no leste daquele país, segundo adiantou fonte próxima do Hezbollah, em declarações à AFP. Já a Agência Nacional de Notícias do Líbano (NNA) disse que três locais no leste do Líbano receberam "ataques inimigos israelitas". É na fronteira sul do Líbano que se concentram os confrontos entre o Exército israelita e o grupo xiita apoiado pelo Irão. **C.A.**


KEVIN MOHATT / POOL / AFP

Blinken foi recebido pelo presidente israelita, Herzog.

emprego

amt Autoridade da Mobilidade e dos Transportes

Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

avisos, tribunais e conservatórias

PUBLICIDADE

IPMA Instituto Português do Mar e da Atmosfera

Instituto Português do Mar e da Atmosfera, IP

RECRUTA (m/f)

DIRIGENTE INTERMÉDIO DE 1.º GRAU para o Departamento do Mar e Recursos Marinhos (DMRM)

A oferta encontra-se publicitada em https://www.ipma.pt/pt/recrutamento/dirigentes e em www.bep.gov.pt (OE202408/0657), de acordo com Aviso (extrato) n.º 17688/2024/2, publicado em *Diário da República*, 2.ª Série, N.º 159, de 19 de agosto.

A oferta está disponível pelo prazo de 10 dias úteis.



Imagem da apresentação de Félix, em janeiro de 2023.

ARQUIVO CHELSEA

João Félix vai cortar amarras do Atlético e assina pelo Chelsea

MERCADO Português foi a compra mais cara da história *colchonera* que o comprou ao Benfica por 126 milhões de euros. Avançado vai assinar até 2030 e render 60M€ ao emblema espanhol.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

É desta que João Félix deixa o Atlético de Madrid de vez? O português saltou da convocatória de Diego Simeone a minutos do início do jogo de ontem com o Villarreal e depois de se saber que o clube espanhol tinha chegado a um acordo com o Chelsea, clube onde jogou por empréstimo dos *colchoneros* na temporada 2022-23.

O português prepara-se assim para regressar a Londres, mas, desta vez, o vínculo será definitivo e válido até 2030. E terá ainda uma opção para ser prolongado por uma época. Os *blues* pagam já 50 milhões de euros, mas o negócio da venda do passe do internacional português pode chegar aos 60M€ mediante o cumprimento de certos objetivos. A transferência de Félix está ligada à do médio Conor Gallagher, que seguirá para Madrid por cerca de 45 milhões de euros.

A ligação do ex-Benfica com o Atlético Madrid está assim a chegar ao fim, depois de muitas polémicas, incluindo a má relação do jogador com o treinador Diego Simeone e alguns dirigentes do emblema *colchonero* – na pré-época de 2023-24 foi apanhado a discutir com o diretor desportivo, Andrea Berta.

Sai com um título (2020-21), após 131 jogos e 34 golos.

Simeone nunca escondeu o que pensava de João Félix tendo-o criticado pelo seu comportamento nos treinos e pelas atividades fora de campo. Algo que, na opinião do argentino que comanda o At. Madrid desde 2011, tinha mudado, ao ponto de o convocar para o jogo inaugural do campeonato. "Ele está muito bem, o comportamento é o que qualquer jogador que esteja num plantel precisa de ter, predisposto a tudo o que lhe for proposto, a competir com outros companheiros", disse Diego Simeone, no domingo, na antevisão do jogo com o Villarreal.

Mas Félix já não foi a jogo e deve ser hoje oficializado como jogador do Chelsea, até porque o Atlético vai apresentar os reforços de uma só vez e quer anunciar Gallagher... que vem do clube londrino.

Peso da transferência recorde

Contratado em 2019 por verbas recorde no futebol português e no Atlético de Madrid, 126 milhões de euros, João Félix cedo percebeu que o valor da transferência iria pesar. Nunca ganhou a simpatia e reconhecimento do técnico, sendo utilizado em 36 jogos (titular em 28, só fez 90 minutos em nove deles) e feito nove golos na época 2019-20. Números idênticos aos das épocas seguintes: 40 jogos e 10 golos em 2020-21, que terminou com a conquista do campeonato, e 35 jogos e 10 golos em 2021-22.

Em 2022-23 ainda começou a época no At. Madrid, mas acabou cedido ao Chelsea após 20 jogos e cinco golos. Não ficou em Stamford Bridge, mas também não entrou nas contas do Atlético, que viu no empréstimo ao Barcelona a solução. Em Camp Nou conseguiu igualar o melhor registo de golos (10) em 44 partidas, mas os problemas financeiros do Barça atrapalharam esses planos.

Uma boa campanha do internacional português no Euro2024 era a última cartada do emblema espanhol para vender o passe do português, mas a eliminação da seleção nos oitavos-de-final e o facto de ter tido o azar de falhar a grande penalidade que eliminaria Portugal não ajudaram.

Esta pré-época, após as férias, o português regressou a Madrid e a receção foi longe de ser ideal. Umas horas depois de circular um vídeo onde era visto a treinar à parte, Félix foi chamado para trabalhar com o grupo e viu isso publicitado pelo emblema espanhol nas redes sociais: "Completámos uma nova sessão com a adição de João Félix."

Ficava assim claro que a intenção era vender o jogador, mas as propostas estavam longe de satisfazer o Atlético. O Barça avisou que não tinha dinheiro, o Aston Villa (clube que mais investiu no mercado... para lá do Chelsea e já gastou 176,2 milhões de euros) tentou, mas o destino não agradava ao avançado, que, preferia regressar ao Benfica – segundo alguma Imprensa, o clube da Luz avançou com 20 milhões de euros – a ir para um clube de menor dimensão.

O acordo com o Chelsea foi conseguido há duas semanas, mas faltava acordar a forma de pagamento. O contrato com o jogador foi, aliás, fechado na semana passada por Jorge Mendes, empresário do português, quando foi a Stamford Bridge fechar a contratação de Pedro Neto, um dos dois compatriotas do plantel *blue* que irá encontrar – o outro é Renato Veiga.

isaura.almeida@dn.pt

De Mourinho a Félix, há uma ligação forte

Fundado em 1905, o Chelsea tem uma história recente com uma forte ligação a Portugal. A começar pelo facto de metade dos título de Campeão de Inglaterra terem sido conquistados sob a liderança de José Mourinho (2005, 2006 e 2015) que quebrou um jejum de troféus com 50 anos. Até hoje 16 jogadores portugueses representaram os *blues*: Filipe Oliveira (2002-05), Ricardo Carvalho (2004-10), Paulo Ferreira (2004-13), Tiago (2004-05), Nuno Morais (2004-07), Maniche (2004-05), Deco (2008-09), Bosingwa (2008-12), Fábio Paím (2008-09), Ricardo Quaresma (2008-09), Raúl Meireles (2011-12), Eduardo (2016-17), João Félix (2022-23), Pedro Neto (2024) e Renato Veiga (2024).

Van Aert vence etapa de despedida da *Vuelta* de território português

CICLISMO Belga venceu em Castelo Branco ao *sprint* e conservou a Camisola *Roja*. João Almeida é 9.º na classificação geral, a 32 segundos do líder. Prova regressa a Espanha com etapa de montanha.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A *Vuelta* despediu-se ontem do território português numa vitória de Wout van Aert (Visma), que bateu ao *sprint* o australiano Kaden Groves (Alpecin-Deceuninck) na chegada a Castelo Branco.

O ciclista belga reforçou a liderança da classificação geral e deixou um aviso à concorrência. "A diversão, infelizmente, acabou", disse o belga de 29 anos, lembrando que as restantes etapas serão de montanha, nada propícias a finais ao *sprint*.

É o caso da de hoje, com contagem de primeira categoria, entre Plasencia e Pico Villuercas, no esperado regresso a casa da *Vuelta*: "Vai ser o primeiro teste para os da geral. Vai ser difícil manter a camisola, vou tentar aproveitar uma última vez", disse Van Aert, que parte hoje com 13 segundos de vantagem para Brandon McNulty, da UAE, e 15 segundos para o checo Mathias Vacek, da Lidl-Trek.

Rui Costa (EF) foi o melhor dos três portugueses, cortando a meta em 21.º, ele que ainda se mostrou na frente da corrida. Seguiu-se Nelson Oliveira (Movistar) em 24.º e João Almeida (UAE), em 48.º – todos com o mesmo tempo do vencedor.



Van Aert ao cortar a meta em Castelo Branco, sabendo que ia manter a Camisola *Roja*.

Durante três dias, milhares de pessoas vivenciaram a passagem de uma das três grande voltas mundiais (juntamente com o *Giro* e o *Tour*) pelas estradas portuguesas. Mesmo quem faz parte do pelotão mundial, como os ciclistas nacionais César Fonte (Rádio Popular-Paredes-Boavista), Tiago Antunes (Efapel), António Carvalho (ABTF-Feirense), Bruno Silva ou Gonçalo Carvalho (Tavfer-Ovos Matinados-Mortágua), que foram à Lousã assistir ao arranque da terceira etapa.

Os portugueses têm sido os principais protagonistas deste início luso da Volta a Espanha em bicicleta que no dia 17 arrancou em Oeiras... além de Primoz Roglic. O esloveno três vezes Campeão da *Vuelta* (2019-2021) mostrou na etapas 'portuguesas' uma simpatia e uma disponibilidade para *selfies* poucas vezes vista.

O líder da BORA-hansgrohe é um dos grande candidatos a vencer a 79.ª Volta a Espanha, a par de João Almeida que não podia estar mais feliz pela "incrível maré de pessoas" ao longo das etapas. Primeiro no contrarrelógio entre Lisboa e Oeiras, depois nos 194 quilómetros que ligaram Cascais a Ourém na segunda etapa, e ontem, nos 191,2 quilómetros entre a Lousã e Castelo Branco.

Para já o português da UAE é 9.º na classificação geral, a 32 segundos de Van Aert.





Concebida por Pedro Sánchez Castrejón, a mostra estabelece um constante diálogo entre a evolução da capital da *movida* e a própria carreira do cineasta espanhol.

Uma exposição para celebrar a Madrid de Almodóvar

ESPANHA Na infância, passada no campo, Pedro Almodóvar sonhava com as luzes de Madrid. Em adulto, transformou-a na mais constante das suas protagonistas. No Centro Cultural Condeduque, até 20 de outubro, a exposição *Madrid, Chica Almodóvar* dá-nos a ver essa relação de amor.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Pode-se amar uma cidade habitada por três milhões de almas como se fosse um corpo individual, feito de ossos, músculos e sangue? Pode, e se o apaixonado for cineasta ou romancista é bem provável que a *cousa amada* (para manter a expressão grata a Camões) se transforme na sua principal personagem, aquela a que se volta sempre, com renovado amor, de forma mais ou menos explícita. No caso do realizador espanhol Pedro Almodóvar, essa personagem, mais do que qualquer outra das suas "*chicas*", é Madrid, de tal modo que se poderia dizer que a cidade está para ele como Ema Bovary para Flaubert ou Ana Karenina para Tolstoi.

Esta é a premissa da exposição *Madrid, Chica Almodóvar*, que pode ser visitada (de forma gratuita) no Centro Cultural Condeduque, na capital espanhola, até 20 de outubro.

Concebida por Pedro Sánchez Castrejón, autor do livro *Todo sobre mi Madrid – Un paseo por el Madrid de Almodóvar*, a mostra estabelece um constante diálogo entre a evolução da capital da *movida*, desde os anos da transição para a Democracia até hoje, e a própria carreira do mais internacional cineasta espanhol da era pós-Buñuel.

Esta "viagem" começa ainda na infância do futuro realizador, passada numa zona rural da Província de Castela-La Mancha, quando, à distância, Madrid brilhava como um farol de possibilidades e cosmopolitismo. Vemos os primeiros ensaios de guiões escritos nos cadernos da Telefónica, onde o jovem Pedro, que nunca frequentou qualquer escola de Cinema, foi funcionário quando finalmente chegou à metrópole por que tanto ansiara, bem como as primeiras (e muito rudimentares) máquinas de filmar. É neste contexto que surge o primeiro êxito *Pepi, Luci, Bom y otras chicas del montón* (1980) e as primeiras "*chicas*" Almodóvar: Carmen Maura, Alaska, Julieta Serrano e Cecilia Roth, entre outras.



Mas o destaque maior era já a própria cidade, na sua trepidante descoberta da liberdade após o fim da ditadura franquista. Daí até hoje, raramente a capital espanhola foi eclipsada por qualquer outra protagonista. A tal ponto que, em 2018, o cineasta foi distinguido como filho adotivo de Madrid.

No discurso de agradecimento, disse: "Não posso conceber os meus filmes sem Madrid, não apenas como fundo, mas como uma personagem mais. Não pretendo apropriar-me da cidade. Como qualquer grande urbe, Madrid faz-se de muitas cidades, povos, mentalidades de estados de alma. Eu só tive tempo e capacidade para representar a pequena parte em que vivi, e posso dizer que a vivi com muita intensidade."

Ninguém duvida. Por esta exposição, passam muitos momentos e lugares icónicos da filmografia de Almodóvar e da cidade, tenham sido eles filmados *in situ* ou reconstituídos em estúdio: lá estão a varanda de todas as emoções em *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos*, o estúdio com vista sobre a Plaza de Callao, em *A Flor do Meu Segredo*, o estúdio de dança de Alicia em *Fala Com Ela*, mas também lugares muito emblemáticos da vida madrilena como o Círculo de Bellas Artes ou o bar Museo Chicote, no coração da Gran Vía, outrora frequentado por Ava Gardner ou Hemingway.

De resto, o facto de a exposição estar patente no Centro Cultural Condeduque não deixa de ser uma curiosidade cara aos fãs de Almodóvar, já que ali foi filmada a cena de *A Lei do Desejo* em que, numa noite de muito calor, a personagem de Carmen Maura pede para a "regarem" com uma mangueira. Sobre esta cena, Susan Sontag diria que o seu impacto no imaginário coletivo é apenas comparável à protagonizada por Marilyn Monroe, de saias ao vento, em *O Pecado Mora ao Lado*.

Nas 272 localizações madrilenas identificadas na exposição, destaca-se também aquela que é considerada a esquina Almodóvar – frente ao Edifício Metropolis, onde a figura alada da vitória domina uma perspetiva única da Gran Vía e da Calle de Alcalá. Morador durante muitos anos na vizinha Calle de los Madrazo, o cineasta admitiu que fotografava muito aquele lugar, que o usou várias vezes na sua filmografia, a mais recente das quais em *Julieta*.

Mas a filmografia de Almodóvar não se deteve apenas nas zonas mais glamorosas da capital, estendeu-se também a bairros mais periféricos, e a exposição também dá conta dessas incursões, sempre feitas com respeito. Aconteceu, por exemplo, em *O Que Fiz Eu para Merecer Isto* (Bairro de la Concepción, nas imediações da M-30), mas também em *Volver* ou em *Dor e Glória* (ambos com cenas filmadas em Vallecas).

E porque o cinema também é envolvimento e afeto, o visitante é ainda convidado a tirar uma *selfie* num sofá que recria o original de *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos*, tendo como pano de fundo o cenário da varanda mais famosa do cinema espanhol. Para que, por instantes, entre no espírito e se sinta um pouco "*chica Almodóvar*".



Câmara em cima dos corpos e do suor dos atores...

Karim Aïnouz

“Os bastidores de um motel são fascinantes!”

CINEMA Na mesma semana que é lançado no Brasil, *Motel Destino*, de Karim Aïnouz, chega a Portugal. Um conto de *suspense* e desejo que foi um dos tesouros escondidos de Cannes 2024.

ENTREVISTA **RUI PEDRO TENDINHA,** EM CANNES

Neste seu filme fica a sensação de que o desejo traz a morte...
Isso é verdade, mas, por outro lado, é o desejo que junta aquela mulher com a personagem principal. E eles ficam juntos para não morrer. Ela está numa relação completamente tóxica; ele é um jovem que está a vir de um lugar de desamparo e de luto. É muito engraçado ser o desejo a proporcionar a união deste casal. Por isso, as cenas de sexo são cenas de explosão e de fusão. Os corpos deles são apenas um só corpo. Têm uma relação para além da química, passa pela visceralidade.

Ao filmar um motel está a filmar algo forte na cultura sexual brasileira, mas escolhe filmar o que ninguém conhece.
Sim, os corredores, coisa que nem eu conhecia. Os bastidores de um motel são fascinantes! Vocês portugueses não têm essa relação com o motel para o sexo porque são um país menos hipócrita.

Será que este filme surge na ressaca de *Firebrand* – *O Jogo da Rainha* (em estreia em Portugal em outubro), o seu filme anterior, que parecia uma encomenda internacional?
Foi sobretudo uma vontade de filmar no Brasil. Estava há cinco anos sem ir lá, na verdade devido ao Bolsonaro. Mas *Motel Destino* vem no seguimento desse projeto, que montei de uma escola de argumentistas, e já vem de 2016. Chegou a ganhar um subsídio, mas depois ficou parado, pois na hora de arrancar apanhámos esse terror de um Governo fascista. Ficou tudo parado! Nunca pensei que um dia o conseguisse fazer... Seja como for, foi superbacana fazer *O Jogo da Rainha*, mas estava mesmo louco por filmar no Brasil. Queria filmar num lugar com o qual tivesse uma relação – neste caso, numa praia do Ceará, muito perto de onde fui criado. Tive muito prazer em filmá-lo, ainda mais porque pegou algo bastante anárquico. Senti-me muito livre em *Motel Destino*. Se em *O Jogo da Rainha* filmava num local difícil e cinzento, como era aquele castelo, aqui fiz tudo ao contrário. Interessava-me filmar um castelo profano. Na verdade, ambos os filmes têm a mesma estrutura de lugar, e tudo se passa em volta do mesmo e, também, de certa forma, simbolizam prisões. A prisão de *O Jogo da Rainha* é da elite e do controlo, esta é mesmo profana e do prazer.

Mas será que depois de *O Jogo da Rainha* ficou mais livre?
Sim, exato! Depois de conseguir fazer um filme sobre a monarquia inglesa no século XVI sinto que posso contar qualquer história. É por isso que foi muito divertido contar uma história de novo no Brasil. A diferença com *A Vida Invisível* é que era cinema de época e de género e isso não era tão difícil pois, em si, já é um pouco artificial. O meu desafio agora era fazer género contemporâneo sem cair naquela do documental. É por isso que adoro *Paris, Texas* – olhamos para aquilo e pensamos que aquele lugar é só ficção ou algo meio imaginado. Este meu motel eu queria que não fosse bem real. Como fazer isso? Algumas coisas simples, como por exemplo o figurino abster-se de ter padrões, as cores têm de ter uma solidez e a câmara não estar nunca apontada para qualquer lugar à toa. Quis construir um mundo à parte com o presente.

Noites Escaldantes no Ceará

Depois de *O Jogo da Rainha*, ainda não estreado entre nós, o realizador brasileiro deixa o deboche da corte inglesa medieval e propõe um *thriller noir* numa praia do Ceará. Um triângulo amoroso potente inteiramente situado nos corredores e traseiras de um motel, com sexo e o bafo da morte. Um jovem em fuga é contratado para ajudar nas limpezas. Aos poucos, parece ganhar afinidade com o dono e a sua mulher, envolvendo-se com esta de forma tórrida. À partida, e à chegada, pensa-se muito em *Noites Escaldantes*, de Lawrence Kasdan, seja pelo calor, seja pela fatalidade do toque dos corpos. Trata-se provavelmente da obra maior do realizador de *A Vida Invisível* e *A Praia do Futuro* que, aqui, pede ao espectador para fazer parte de um *suspense* tão realista como sensual. E passa para além do ecrã toda uma animalidade trabalhada de forma transformativa, com cobras, pássaros e um desejo primitivo. Uma fúria inesperada num conto onde todo o desejo acarreta uma revigorante carga fatal. **RPT**



“Queria filmar num lugar com o qual tivesse uma relação – neste caso numa praia do Ceará, muito perto de onde fui criado. Tive muito prazer em filmá-lo, ainda mais porque pegou algo bastante anárquico.”

Karim Aïnouz
Realizador



Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

O alfacinha ergueu a Lapa

Júlio de Castilho foi o pai da Olisipografia. *Lisboa Antiga* e *A Ribeira de Lisboa* são duas obras fundamentais para conhecer Lisboa e os seus mistérios. José Sarmento de Matos seguiu-lhe os passos e deixou-nos uma notável herança que a Imprensa Nacional recordou num belo livro de Margarida de Magalhães Ramalho onde se evoca *Um Abastecedor de Memórias*. Quer em *A Invenção de Lisboa*, obra inacabada, quer em *Uma Casa na Lapa*, usufruímos de preciosas informações, fruto de aturado estudo, que nos permitem conhecer melhor a cidade, enquanto repositório inesgotável de um património riquíssimo.

Ouvimos o testemunho essencial de quem trouxe até nós o melhor conhecimento da cidade fantástica. "Tal como Cesário Verde, também gosto, de quando em vez, de andar por 'boqueirões e becos'. Há melancolia a desprender-se da volumetria assimétrica, esguia, que nos encerra num dédalo ordenado por um pragmatismo sem regra aparente, como se andássemos por encanto a brincar às escondidas com a cidade, entre muros altos, vãos escuros e portas entreabertas, de onde se esgueiram gatos furtivos, sombras sugestivas e os sons estridentes de uma rádio barata. Palpita gente por ali."

E há palavras estranhas a identificar os becos, como Penabuquel ou Maquinez, além das referências que geram equívocos – como a do Poço dos Negros, que não tem a ver com escravidão, mas com os monges negros de Cluny, vindos de Tibães.

Acontece que os padres Negros, diferentes dos beneditinos de Cister que tinham hábitos brancos, dispunham no limite sul da propriedade que circundava o Convento de S. Bento da Saúde, hoje Assembleia da República, de um poço farto, com preciosa água, que rapidamente puseram à disposição de uma vizinhança agradecida. Mas há muitos outros segredos.

"Se o poder engendrou a Baixa, podemos dizer que o alfacinha ergueu a Lapa." A história da urbanização da encosta da Lapa ou de Buenos Aires (graças aos ventos de Monsanto) é notável. Dois proprietários dominavam a zona: o Convento de Nossa Senhora da Soledade, das freiras da Santíssima Trindade, mais conhecidas por Trinas, e o Real Mosteiro das Comendadeiras da Ordem de Santiago.

As religiosas das Trinas pensaram em urbanizar as suas terras logo depois do terramoto e começaram a remir foros antigos em 1756. "Avaliadas as hipóteses do terreno, esquadrinhavam-se as indispensáveis ruas, tão retilíneas quanto o relevo e os limites da propriedade o permitiam, e devidamente hierarquizadas pela sua importância dentro da economia do projeto – mais largas as principais, mais estreitas as secundárias, ou travessas. Depois a cordel, marcava-se o alinhamento dos edifícios que cada um ergueria a seu modo, no talhão que as disponibilidades do bolso tinham permitido aforar."

Em seguida, erguiam-se as paredes mestras encostadas ao vizinho. Era arquitetura eficaz, como no Bairro Alto, em Santa Catarina, no Mocambo ou na Madragoa e agora na Lapa, sob o olhar crítico do engenheiro-mor Manuel da Maia – "vai-se edificando sem ordem, nem simetria..."

Mas as histórias multiplicam-se, até à de João Fernandes de Oliveira, o contratador de Diamantina, apaixonado pela antiga escrava Chica da Silva, que viria a tornar-se senhor da Casa da Lapa, na Rua do Sacramento, futuro Liceu e sede atual da FLAD. O livro é essencial e a memória de José inesquecível.

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian



Opinião
Luís Castro Mendes

Os desafios da marginalidade

En realidad, los únicos a los que se les debería permitir escribir libros de memorias es a los aventureros sangrientos, a las actrices de cine porno, a los grandes detectives, a los traficantes de drogas, a los mendigos".
Roberto Bolaño

Escrever memórias está, raramente, ao alcance destes sujeitos literários que Bolaño privilegia, pelo que teremos de continuar a ler as memórias aborrecidas de diplomatas conservadores, como Chateaubriand, ou, mesmo que ligeiramente romanceadas, as de um burguês rico, como Proust. Os grandes detetives têm-nos chegado por via de Simenon ou de Raymond Chandler e só os espiões (categoria que Bolaño não considera) têm uma representação digna na literatura, com Graham Greene ou John Le Carré.

A literatura e a vida têm fronteiras não-ditas, nem claras, mas sabemos desde Pessoa (ou até antes, se lermos Keats ou Emily Dickinson) que o sujeito que escreve põe, nesse mesmo movimento, uma barreira entre si e a vida (ou a "vidinha", como diria O'Neill). Assim, é Stevenson ou até Céline que pode trazer-nos os "aventureiros sangrentos", é Henry Miller ou Colette que nos podem levar junto ao equivalente das "estrelas de cinema pornográfico", Gorki ou Knut Hamsun (bela reunião!) perto dos mendigos e quanto aos traficantes de droga talvez De Quincey ou Burroughs nos pudessem oferecer algumas luzes, do ponto de vista do consumidor...

A atração da literatura pelos marginais compreende-se facilmente, se pensarmos quão marginal é a atitude propriamente literária em relação à literatura de consumo que domina os mercados. Mas é raro que a escrita do próprio marginal constitua uma grande peça literária, se excetuarmos Jean Genet. Escritores que, para valorizar a sua escrita, assumem poses marginais (Bukowski, Burroughs) são um outro grupo e formam uma outra divisão.

Lowry é um grande escritor que passa pela droga como experiência de dor e não de glória. Coleridge já era um grande poeta quando escreveu, drogado pelo ópio, o seu *Kublai Khan*. Mas quem se lembra de Caryl Chessman ou de Albertine Sarrazin?

Há, nalguma crítica remanescente daqueles que ainda se interessam por poesia, um fascínio pela velha atitude de "*épater le bourgeois*", que, sabendo que há muito o burguês recuperou para a decoração das suas casas ou das suas almas os mais terríveis desafios do modernismo, aposta então naqueles de quem ninguém fala, julgando-os os únicos isentos de compromissos com o corrupto meio literário. Ressalvando alguns casos, dificilmente vejo nos génios ignorados que esses críticos nos trazem à luz uma verdadeira capacidade de questionar a literatura, que encontro em autores que eles considerarão *mainstream*, mas dos quais também ninguém fala (o espaço é pouco para tantos romances americanos...).

Quem por certo foi um marginal durante toda a sua vida foi Luís de Camões. Este verão, a minha leitura de férias tem sido a biografia do poeta por Isabel Rio Novo. É uma biografia que consegue, a partir da raríssima documentação, apresentar-nos a narrativa de uma vida, sempre com o cuidado de nos avisar quando entra no terreno das conjeturas, mas baseando-se numa sólida fundamentação histórica e relendo com atenção os mais antigos biógrafos.

Mas, no tempo de Camões, ser um marginal não era nenhuma glória para um poeta e, por isso, ele de modo algum se vê satisfeito ou orgulhoso com esse seu estatuto. Porque a obra pode ser grande e imortal, e o autor ter consciência disso, mas como pode um "*bicho da terra tão pequeno*" reequilibrar o "*desconcerto do mundo*", que premeia os medíocres e os maus e faz aos bons passar trabalhos e sofrimentos sem fim?

Diplomata e escritor



Atenção! Há magia nas ruas de Lisboa

JOSÉ FRADE / EGEAC

O *Lisboa Mágica* vai decorrer até domingo em 13 locais de Lisboa.



ANA DIAS

Flip Mattia, um italiano que leva a magia a campos de refugiados, é um repetente no evento.

FESTIVAL O *Lisboa Mágica* está de volta para surpreender quem anda pelas ruas, praças e jardins da capital, com 175 espetáculos protagonizados por 15 artistas.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Humor, diversão e espanto. Tudo isto está garantido em mais uma edição do *Lisboa Mágica*, Festival Internacional de Magia de Rua que hoje regressa à capital. No total, são 175 espetáculos, protagonizados por 15 artistas oriundos de oito países, repartidos por 13 locais. Tudo gratuito. Portanto, atenção: poderá deparar-se com truques quando menos esperar. Se preferir, analise o programa e escolha as atuações que quer acompanhar.

Flip Mattia, um italiano que leva a magia a campos de refugiados, já é um repetente no evento, tendo trazido no ano passado um espetáculo que metia bolas de sabão, chupas, beijinhos e uma grande dose de ternura. "Estivemos até ao último momento sem saber se viria. Esteve quatro meses preso em Gaza, sem conseguir sair de lá", conta Luís de Matos, diretor artístico do evento.

David Navares, Joaquin Matas, James, Javi Rufo ou Pepe Lirrojo são outros dos artistas que regressam a Lisboa para o festival. "O compromisso mantém-se: um terço dos artistas nunca estiveram no festival ou até em Portugal", conta o ilusionista, salientando a vinda de Brylights e Jonathan Goh, de Singapura, Gonza Martini, da Argentina, ou Naoko, do Japão.

Esta última é, aliás, uma das duas mulheres a ter lugar no cartaz – a outra é Katerina, que faz parceria com o espanhol Adrián Carratalá. "Uma das fragilidades desta área de entretenimento é não haver muitas mulheres. Em compensação, são muito boas", comenta o diretor artístico.

Zé Mágico, "um artista extraordinário, profundamente original" que foi ao *Got Talent* em 2021 e que logo no ano seguinte integrou o elenco deste festival, é o único português. "Fazemos questão de ter sempre um português, mas não queremos que seja uma quota que comprometa a qualidade", explica Luís de Matos.

Do Japão vem Keiichi Iwasaki, que foi concorrente num programa de talentos para magia na Coreia do Sul do qual Luís de Matos foi jurado e que "viaja pelo mundo inteiro de bicicleta".

Esta é já a 12.ª edição do *Lisboa Mágica* e vai decorrer até domingo em várias ruas, praças e jardins de Lisboa. "Ao longo dos anos foi vivendo e crescendo em termos de adesão do público, tanto turistas, como locais. É um dos poucos eventos culturais que consegue essa transversalidade", diz o ilusionista, salientando que cada espetáculo de um mesmo artista é único e irrepetível, tal a dependência da interação com o público.



ANA DIAS

Cada espetáculo de um mesmo artista é único e irrepetível.

Os espetáculos arrancam hoje às 11.00 horas, na Praça do Município, mas terão também lugar no Arco da Rua Augusta, no Jardim Avelar Brotero, no Jardim da Estrela, no Jardim Fernando Pessa, no Largo do Carmo, no Largo do Chiado, no Jardim Museu Lisboa, no Palácio Baldaya, no Parque Bensaúde, no Parque Ribeirinho Oriente, na Praça Luís de Camões e, este ano em estreia, no Parque Tejo, onde decorreu a Jornada Mundial da Juventude e o *Rock in Rio*. "Não na mesma dimensão, nem exatamente no mesmo sítio...", admite Luís de Matos.

O Festival Internacional de Magia de Rua de Lisboa, surgido em 2006, pretende mostrar o que de melhor se faz no âmbito da Magia de Rua a nível mundial, numa celebração da universalidade e intemporalidade da linguagem artística, em absoluta e surpreendente interação com o espaço público. "Já passou por vários presidentes" de câmara, recorda Luís de Matos, lembrando os tempos de Carmona Rodrigues, António Costa, Fernando Medina e agora Carlos Moedas.

sofia.fonseca@dn.pt

Diario de Noticias

AS HORAS SINISTRAS

HORRIVEL CATASTROFE FERRO-VIARIA

Na estação de Belem choca um dos rapidos de Cascais com um comboio de mercadorias

Morrem cinco pessoas e ficam feridas algumas dezenas mais ou menos gravemente

Foram presos três ferro-viarios, sobre os quais, ao que parece, impende grande parte da responsabilidade do tragico acontecimento

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 20 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

INTERESSES NACIONAIS

O CASO DA PESCA

"No es amigo el que quiere la capa del amigo"

A HISTORIA DE UM TRATADO

Desde que surgiu esta malfadada questão da pesca—ou seja a partir das negociações entaboladas aqui em Espanha, para o concerto de um tratado de comercio que havia de substituir o de 1893, vigento por dez anos, mas prorogado por outra década em 1903, sem modificação alguma—tenho dedicado a minha atenção a este assunto, que estudei o melhor que pude e expuz diante dos olhos do povo português, em diferentes series de artigos, nestas mesmas colunas do popularissimo «Diario de Noticias».

Estes artigos, não por serem meus, mas pela importancia do tema que versavam, para os interesses e a dignidade da nossa patria, tiveram a fortuna de apaixonar a opinião publica—e devo dize-lo sem vaidade—valeram-me algumas cartas com louvores que não julguei merecer, por parte de pessoas muito qualificadas, que não nomearei agora. Mas... nem tudo foram aplausos: a minha modesta obra jornalistica valeu-me tambem alguns desgostos, entre os quais não foi menor o de vêr confabulados contra mim espanhois e portugueses (portugueses por terem nascido em Portugal). Contra mim, que tenho a minha pena limpa e nunca tive outro fito que não fôsse o cumprimento do meu dever de jornalista e de português!...

Por fortuna, os meus inimigos, nem recorrendo á falsidade conseguiram fazer-me o mal que se propunham. Mas ainda que o tivessem conseguido, nem assim me arredariam do meu posto, que não abandonarei jamais, sejam quais forem as penas que o futuro me reserve. Tenham-no entendido assim todos os interessados em que se consume a expoliação que ha uns poucos de anos se projecta.

*

Talvez seja conveniente rememorar os factos, ainda que em largos traços. O tratado de comercio de 1893 contentava portugueses e espanhois, e tanto isto é verdade que, havendo sido concertado para valer por dez anos, como digo acima, foi integralmente renovado por outros dez. Por que foi ele denunciado pela Espanha em 1912? Por exigencias dos madeireiros ou dos salineiros de Cadiz? Não. Foi pela pressão exercida pelo caciquismo dos armadores de pesca e dos conserveiros.

Nas aguas espanholas, como é sabido, já pelos acidentes da costa, já porque os pescadores recorreram, com abuso notorio, ao emprego de explosivos e outros criminosos métodos, escasseia o peixe, que felizmente abunda nas nossas aguas territoriais. Então os armadores espanhois, saltando por cima dos mais elementares preceitos do Direito internacional, alentaram o sonho de um tratado de pesca sobre a base da «reciprocidade»: isto é, eles invadiriam com a sua esquadrilha—muito mais numerosa que a nossa—as aguas portuguesas e levar-nos-iam o peixe, arruinando uma das nossas industrias mais prósperas e levando a miseria a muitos lares em toda a extensão da costa, de norte a sul, com grave dano da nossa dignidade de nação soberana; nós, em compensação, teriamos o direito de passear nas aguas espanholas... sem peixe. Era, na verdade, um negocio redondo!...

Alentando este belo sonho, os armadores e os conserveiros exerceram pressão sobre os seus governos e fizeram depender o Convenio mercantil deste fantastico tratado de pesca!

Em 1912 veio aqui o sr. dr. Armando Navarro, como delegado para negociar as bases de um tratado comercial, e quando os trabalhos iam já muito adiantados, surgiram os armadores e os conserveiros com a sua absurda pretenção de pescar nas aguas portuguesas, condição «sine qua non» para que pudesse haver tratado de comercio. E' claro que, diante desta barreira, foram abandonados os trabalhos dos srs. dr. Navarro e González Hontoria, que era o negociador do Convenio por parte de Espanha. E ficamos sem tratado.

Portugal não podia aceitar semelhante proposta. As aguas jurisdicionais de um país são tão intangiveis como um pedaço do seu territorio; era como se consentissemos que estrangeiros invadissem as nossas hortas e os nossos pomares e nos levassem aquilo que nós produzimos.

Mas os armadores e conserveiros não desistiram: voltaram á carga em 1915 e voltam agora com mais brio que nunca. Contam com isto como coisa feita. Já andam muitos barcos espanhois pescando em aguas portuguesas, porque consideram a batalha vencida (o «pleito», como eles dizem!). Mas parece que se enganam, porque ainda que houvesse—o que não creio—um governo capaz de semelhante atentado á soberania nacional, não o consentiria o povo português, muito cioso da sua dignidade patriotica.

A atitude honrosa que tomou a Camara dos Deputados e a imprensa portuguesa, a primeira votando por unanimidade uma moção proclamando a intangibilidade das nossas aguas territoriais, e a segunda repelindo com toda a energia a estulta pretensão dos «armadores espanhois»—que não é o mesmo que dizer da «Espanha»—e ainda o levantamento de todas as corporações e classes directamente interessadas nesta questão, tudo isto dá a consoladora impressão de que Portugal permanece o mesmo através de todas as vicissitudes, e assim ficará de uma vez arrumada esta deploravel questão, que não tem solução possivel nos termos em que tem sido apresentada e discutida.

*

Os governos espanhois têm sido mal informados pelos armadores e conserveiros, que por sua vez se equivocam com o actual estado de espirito dos portugueses nesta questão, como em todas que afectam os seus legitimos interesses e dignidade patriotica. O ilustre presidente do Directorio, que parece animado de tão rectas intenções, não estudou detidamente esta delicadissima questão da pesca nos seus variados aspectos juridico, economico e diplomatico, seguramente por falta de tempo, visto que tantos assuntos importantes reclamam a sua atenção. E' como se explica a nota que deu á imprensa acêrca do que ocorre em Lisboa. Não. Em Lisboa não ha um conceito equivocado da questão, nem ha que fazer explorações harmonicas dos produtos do mar. O que ha é o desejo de que cada um dos povos explore em boa paz o que é seu, e esta é a unica harmonia possivel.

Pelo tom em que se expressam alguns jornais daqui, parece querer-se dar a entender que os delegados espanhois foram a Lisboa cumprir meramente a formalidade de firmar um pacto já ultimado, e isto não concorda com as declarações do governo português, ao Parlamento e á imprensa, segundo as quais não se trata senão de trocar impressões, para evitar a repetição de lamentaveis conflitos, como os que têm ocorrido com tanta frequencia, pelas incursões dos barcos espanhois nas nossas aguas.

«El Imparcial», por exemplo, no seu primeiro artigo de 15 do corrente, depois de felicitar-se pelo termo do «pleito», diz assim: «Por fim vai-se pôr termo a esse conflito das aguas jurisdicionais, origem frequente de discordias entre os pescadores de um e outro país, e fóco de inquietações para os que deveras defendemos a necessidade de uma leal aproximação hispano-portuguesa.»

E segue neste tom, dando por coisa realizada o tal Tratado da «leal aproximação»...

O proprio delegado dos armadores e conserveiros de Vigo, quando o general Primo de Rivera visitou aquela cidade, fez-lhe um discurso quasi intimativo, pedindo esse Tratado, como se isto dependesse só do Directorio e seguisse os tramites da concessão de uma estrada ou da drenagem de um pantano!

*

Em Portugal existe uma corrente de verdadeira simpatia para a nação irmã; eu mesmo tenho sido um constante pregoeiro dos meritos, das virtudes e da fidalguia deste povo, e não me dá cuidado que até algum escritor espanhol me qualifique de «mais espanholista que muitos espanhois». Mas devo dizer com toda a franqueza que, se em Espanha se deseja sinceramente um bom entendimento com Portugal—como tanto convém aos interesses dos dois povos—é preciso deixar de prestar ouvidos ao caciquismo que pretende expoliar-nos e vexar-nos. Nada de equivocos nem confusões entre o anelo da mais leal aproximação entre dois povos que têm tantas coisas a defender e a realizor de comum acôrdo, e a exibição de interesses bastardos. Nada de aspirações irrealizaveis...

....

O homem do mar é rude—como muito bem disse um jornal—e não entende de Tratados nem de diplomacias; defende o seu pão e o dos seus, ainda á custa do proprio sangue e do alheio. Pense-se nos conflitos que se levantariam, se os pescadores espanhois pudessem legalmente invadir as aguas de Portugal.

Os que querem realmente as boas relações entre Espanha e Portugal devem ser os primeiros a dar por terminada esta questão, e assim se compreenderá a filosofia do proverbio castelhano segundo o qual «no es amigo el que quiere la capa del amigo»...

Madrid, Agosto de 1924.

JOSÉ MARIA SANTOS.

AS HORAS SINISTRAS

HORRIVEL CATASTROFE FERRO-VIARIA

Na estação de Belem choca um dos rapidos de Cascais com um comboio de mercadorias

Morrem cinco pessoas e ficam feridas algumas dezenas mais ou menos gravemente

Foram presos três ferro-viarios, sobre os quais, ao que parece, impende grande parte da responsabilidade do tragico acontecimento

Depois do momento tragico – Destroços dos dois comboios


EPA / HOMEM DE GOUVEIA

Apesar da muita destruição florestal, vistoria de ontem aponta para poucos danos nas vias de trânsito.

Fogo na Madeira não atingiu estradas ou infraestruturas

INCÊNDIOS Ao quinto dia, a situação é descrita como "mais tranquila", com algumas frentes extintas e outras sob controlo. Socialistas criticam Albuquerque.

O secretário dos Equipamentos da Madeira, Pedro Fino, garantiu ontem que não existem "grandes danos" nas estradas e infraestruturas da região devido ao incêndio que lavra desde quarta-feira na ilha, balanço realizado após uma ronda pelas zonas afetadas pelo fogo.

Um dos equipamentos que "inspirava grande preocupação" era a Central Hidroelétrica da Serra de Água, no Concelho da Ribeira Brava, mas "não apresenta danos de maior", lê-se num comunicado divulgado pela Secretaria Regional dos Equipamentos e Infraestruturas.

Na nota, refere-se que o governante esteve na Serra de Água, no Município da Ribeira Brava, e no sítio de Fajã das Galinhas, no Concelho de Câmara de Lobos, dois dos locais mais fustigados pelo fogo.

Pedro Fino indica ainda que grande parte das estradas regionais estavam ontem encerradas "apenas por precaução", recomendando, no entanto, à população que não se desloque para zonas com frentes de fogo ativas, nomeadamente o Paul da Serra, o único planalto da Madeira.

Isto apesar de o fogo ontem ter abrandando de intensidade, mater duas frentes ativas e ter levado à retirada de cerca de 60 pessoas da Furna. Mas a situação geral foi descrita pelo Governo Regional como "mais tranquila", relativamente aos dias anteriores – com o fogo na Serra de Água a ter sido dado como extinto e as duas frentes no Concelho de Câmara de Lobos como "controladas", ainda de manhã.

Do ponto de vista político, à tarde o Governo Regional de Miguel Albuquerque ouviu duras críticas do Partido Socialista da Madeira com o líder local, Paulo Cafôfo, a acusá-lo de ter estado "adormecido" para o problema dos fogos.

"Acho que não foi correta a postura do presidente do Governo Regional, que lançou mais chamas para o incêndio quando veio acusar de 'abutres' ou de 'treinadores de bancada' aqueles que, como nós, [dissemos] que é preciso fazer alguma coisa, seja em termos de prevenção, seja em termos da própria resposta do combate aos incêndios", disse o presidente do PS /Madeira.

DN/LUSA

BREVES

Filipe Alves vai ser o diretor do Diário de Notícias



O jornalista Filipe Alves irá assumir a direção do Diário de Notícias no início de setembro, substituindo o atual diretor interino, Bruno Contreiras Mateus.
"Sinto-me muito honrado pela oportunidade de me poder juntar à equipa que todos os dias faz o jornal que é uma referência no jornalismo em Portugal, desde 1864", indica o novo diretor do DN.
Filipe Alves é jornalista desde 2005, começou a sua carreira na Agência Lusa. Passou por meios como o *Diário Económico*, o semanário *Sol* e a agência Thomson Reuters, onde se especializou na área económica e financeira. Em setembro de 2016, ajudou a fundar o *Jornal Económico*, assumindo a direção desta publicação em dezembro do mesmo ano. Desde 2023, acumulou a direção do *Jornal Económico* com as funções de *publisher* do grupo Media Nove. Licenciado e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, a sua dissertação foi publicada no livro *Fundações Jornalísticas: em busca de um novo modelo de negócio para a Imprensa*.
Esta nomeação confirma a "aposta no Diário de Notícias enquanto título incontornável do panorama noticioso nacional, garantindo a sua renovação e modernização enquanto prepara o seu 160.º aniversário", adianta a administração da Global Media Group.
O grupo de *media* endereçou "um agradecimento muito especial ao diretor interino Bruno Contreiras Mateus, que manteve uma disponibilidade e uma dedicação inexcedíveis durante este período de transição".

Candidata da esquerda a PM exclui destituir Macron

A candidata da coligação de esquerda Nova Frente Popular (NFP) a primeira-ministra francesa, a socialista Lucie Castets, rejeitou ontem um eventual processo de destituição do presidente francês, Emmanuel Macron.
"O meu objetivo não é a destituição, é a coabitação. Existe uma emergência social e democrática no país atualmente", afirmou Lucie Castets numa entrevista ao canal de televisão BFMTV. Para a socialista, "o que é absolutamente urgente é implementar as políticas que o povo francês espera" e "fortalecer os serviços públicos".





Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



